

Anne Karine Pereira Quaresma

Diogo Neves Pereira

Nayara Pereira Gomes



PAIOL

conhecendo uma comunidade quilombola

Anne Karine Pereira Quaresma
Diogo Neves Pereira
Nayara Pereira Gomes

Paio!:
conhecendo uma comunidade quilombola

1ª edição

Diamantina, MG
UFVJM
2020



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0).

Realização

Projeto de Extensão *Comunidades do Campo: conhecendo seus sujeitos, saberes e realidades*

Colaboração

Associação Quilombola do Paiol

Apoio

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEXC

Programa Institucional de Bolsas de Extensão – PIBEX

Licenciatura em Educação do Campo – LEC

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Q1p

Quaresma, Anne Karine Pereira

Paiol: conhecendo uma comunidade quilombola [recurso eletrônico] / Anne Karine Pereira Quaresma, Diogo Neves Pereira, Nayara Pereira Gomes.– Diamantina: UFVJM, 2021.
144 p.: il.

ISBN: 978-65-87258-19-5

Realização do Projeto de Extensão Comunidades do Campo: conhecendo seus sujeitos, saberes e realidades. Colaboração da Associação Quilombola do Paiol. Apoio da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM; Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEXC; Programa Institucional de Bolsas de Extensão – PIBEX e Licenciatura em Educação do Campo – LEC.

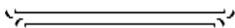
1. Cultura quilombola. 2. Comunidades rurais. 3. Educação do campo. I. Quaresma, Anne Karine Pereira. II. Pereira, Diogo Neves. III. Gomes, Nayara Pereira. IV. Título. V. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 305.896

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecária Viviane Pedrosa– CRB-6/2641

*Aos descendentes de Nolberta
e demais quilombolas que
abrilhantam este território.*

Sobre os autores



Anne Karine Pereira Quaresma é remanescente quilombola, pertencente ao território da comunidade Paiol. Técnica em Segurança do Trabalho e Auxiliar administrativo pelo IFNMG. Graduanda do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) na área de Ciências da Natureza. Participou como bolsista do projeto de extensão “Comunidades do Campo: conhecendo seus sujeitos, saberes e realidades nos anos de 2019 e 2020”. Participou como voluntária do PIBID e do projeto Veredas Sol e Lares desenvolvido pelo MAB. Tem interesse em aprimorar os conhecimentos sobre comunidades tradicionais, especialmente quilombolas, vinculando o saber científico com o popular para a promoção do aprendizado.



Diogo Neves Pereira é professor da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri desde 2014, atuando na Licenciatura em Educação do Campo e no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Saúde. Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005). Mestre e Doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília (2008 e 2012). Realizou

estágio de pós-doutorado em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2014).



Nayara Pereira Gomes é remanescente quilombola residente no município de Cristália, MG. Formada em Técnica em Segurança do Trabalho pelo IFNMG e graduanda do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) na área de Ciências da Natureza. Fez parte do PIBID e participou como pesquisadora popular do projeto de pesquisa Veredas Sol e Lares. Também participou como voluntária do projeto de extensão “Comunidades do Campo: conhecendo seus sujeitos, saberes e realidades”. Participa como bolsista do projeto de iniciação científica Mapeamento de Tecnologias sociais aplicadas a promoção da saúde no Vale Jequitinhonha. Gosta de se expressar através da escrita e de participar de ações que dão voz e valorizam o povo camponês.



Apresentação



Zum. Zum. Zum. Zum.

Capoeira Mata um...

Esse é o refrão de uma das músicas da capoeira. O som do batuque, o berimbau e as palmas davam impulso aos jovens negros que cortavam o ar com o gingado da dança, da luta, usando do corpo para fazer arte. Era um pé na lua, um golpe de defesa, iniciada com um toque de mão. Ao redor, pessoas se maravilhavam, sorriam com empolgação. Outras se detinham ao medo de algo dar errado e alguém sair machucado. Capoeira é cultura, é marca de luta, de resistência, de quilombo.

No Paiol a capoeira foi apenas uma dentre as diversas práticas culturais que caracterizavam a cultura negra. Havia, ainda, uma folia de reis, uma roda de conversa ao redor da fogueira para transmitir saberes, uma reza ou benzimento, uma união entre os membros ao realizar mutirões. E por aí vai. O tempo passou, o povo mudou e a cultura que antes era marca de seu povo sofreu grandes mudanças. Não podemos rejeitar os avanços que a vida traz, porém não devemos simplesmente esquecer nossas raízes, pois ela nos lembra quem somos e é fundamental para nossa identidade. Paiol ainda carrega traços e práticas advindas de seus ancestrais que merecem ser enaltecidas e preservadas.

Apresentar a escrita desse livro é honroso e especial, pois ele simboliza uma forma de resistência. Registrar sobre o Paiol é possibilitar que as futuras gerações desse território

tenham conhecimento sobre seu povo e sua cultura, auxiliando na construção identitária desses sujeitos. Oportunizar outras pessoas – de diferentes regiões e modos de pensar – a conhecerem sobre o Paiol é impulsionar a valorização e o respeito a essa cultura. É gratificante saber que temos um acervo de informações sobre um território que apresenta uma história de superação e representa grande parte das comunidades rurais do nosso país, que muitas vezes são esquecidas e desvalorizadas.

A comunidade do Paiol

A comunidade do Paiol encontra-se localizada na região norte do estado de Minas Gerais. Suas coordenadas geográficas são: Latitude 16°42'00" Sul, Longitude 42°48'09" Oeste. Trata-se de uma comunidade rural situada no município de Cristália. Tal município, por sua vez, pertence à bacia do rio Jequitinhonha. A Serra do Espinhaço cobre aproximadamente 10% da área do município e o local de maior altitude da região é o Morro do Chapéu, com 1.255 metros, considerado um dos pontos turísticos de Cristália. O acesso à comunidade se dá por estradas de terra. Faz divisa com as comunidades rurais de Para Terra (1 km), Buriti (2,5 km) e Barreiras (4 km).

Ao longo do processo de constituição da comunidade, o território do Paiol foi recebendo divisões geográficas criadas pelos próprios moradores. Tais divisões estão intrinsecamente relacionadas aos principais rios do território, a saber: Contenda e Soberbo. Inicialmente era nomeada como Paiol apenas a parte do território localizada próximo ao rio Contendas, local onde se abrigaram as primeiras famílias da comunidade. Devido ao passar do tempo e ao crescimento populacional os moradores começaram a se apropriar de área mais ampla, especialmente da região que perpassa o rio Soberbo – logo, nomeando o local como Soberbo. Nesse sentido, o território era dividido entre Paiol e Soberbo. Porém, o Senhor Evaldo, o então prefeito do município e que intitulou a comunidade, reconheceu toda a expansão do território como Paiol, desfazendo a separação popular. No entanto, atualmente alguns moradores ainda se referem a

determinados locais como Paiol I (referente ao antigo Paiol) e Paiol II (referente ao antigo Soberbo).

Além desta divisão influenciada pelos rios, há também uma “agrovila” conhecida e classificada como o centro da comunidade. Na entrada principal da agrovila e nos seus arredores se encontra o rio Soberbo. Já no fundo dela é onde o Soberbo se une ao seu afluente Contenda, de modo que a agrovila é o ponto da união dos rios que integram e unificam todo o território que constitui o Paiol. Nela há, além de domicílios, escola, igreja, posto de saúde e comércio. Ela também é o local onde ocorrem os eventos da comunidade, tais como reuniões das associações, eventos culturais e jogos de futebol. Esse local foi formado por loteamentos e os moradores que ali residem possuem terrenos nas extensões do território, onde desenvolvem suas atividades agrícolas.

O bioma predominante na região é o cerrado com traços da caatinga. A comunidade do Paiol possui sua paisagem demarcada por altos relevos e montanhas, divididas por chapadas e várzeas. A vegetação da comunidade é composta por árvores de baixo porte e uma grande área de mata nativa. Também se encontra uma grande variedade de árvores e animais silvestres. O clima predominante é o tropical com longos períodos de estiagem, principalmente de abril a setembro, período este que apresenta grande escassez fluvial. Pela comunidade passam quatro cursos d’água: além dos já citados rios Soberbo e Contendas, há os córregos Buriti e Córrego Extrema. A região possui rochas metamórficas, ígneas, sedimentares e minerais, principalmente rochas clásticas formadas a partir do intemperismo na superfície terrestre. O solo pode ser classificado como argiloso e arenoso, sendo que em alguns locais apresenta muito ferro e cor avermelhada.

A comunidade é reconhecida como quilombola pela Fundação Cultural Palmares. Atualmente possui aproximadamente 300 habitantes. O gênero predominante é o feminino e a maioria dos moradores idosos não são alfabetizados. A religiosidade é a cristã, com repartição entre católicos e evangélicos. A principal fonte de renda dos moradores é a agricultura familiar, dedicada, principalmente,

ao plantio de feijão, mandioca, maracujá, milho e hortaliças. Além disso, são também importantes os auxílios governamentais, tais como a aposentadoria e o Bolsa Família.

Os moradores do Paiol são em sua maioria parentes entre si. São pessoas afetuosas e muito hospitaleiras. A comunidade possui práticas culturais diversificadas e valiosas, tais como as festas de São João e de Nossa Senhora Aparecida. Além disso, possuem comidas típicas saborosas e cativantes como a paçoca de carne, a feijoada, o mingau, a pamonha e o frango caipira, dentre outras. Ressaltam-se também os mutirões e eventos como o do dia da Consciência Negra.

A comunidade é composta por pessoas simples, que carregam um brilho nos olhos e um sorriso contagiante no rosto. A comunidade demonstra com clareza parte da rica diversidade do Brasil, com destaque para o povo quilombola e suas práticas culturais.

A obra

Este livro é fruto de uma linda caminhada que começou no início de 2019 e concluiu no fim do tumultuado ano de 2020. Percorrer toda a extensão do território do Paiol e conhecer um pouco sobre a vida cotidiana dos moradores foi uma das inúmeras propostas do Projeto de Extensão *Comunidades do Campo: conhecendo seus sujeitos, saberes e realidades*. Através das ações desenvolvidas na comunidade foi possível compreender o motivo pelo qual os paiolenses são tão fortes, persistentes e acolhedores.

No capítulo inicial, “História do Paiol”, é contada a história de constituição do território e como a comunidade se desenvolveu com o decorrer do tempo, destacando as conquistas, os costumes, as práticas culturais e demais características que a tornam importante tanto para seus próprios moradores quanto para a região.

No segundo capítulo, “Mapeamento das plantas medicinais”, há um conjunto de informações quanto à localização de algumas plantas com propriedades medicinais

que podem ser encontradas no território e são utilizadas pelos moradores no tratamento e cura de enfermidades. Também há uma lista com o nome popular dessas plantas e para qual finalidade cada uma é utilizada. Tudo isso para que essa prática tão recorrente na comunidade não se perca com o tempo e que futuras gerações possam manter uma tradição tão importante para a identidade dos moradores.

No terceiro capítulo, “Experiências de saúde/doença entre idosos”, há o resultado da compilação das experiências dos idosos da comunidade quanto às doenças e formas de tratamento adotadas, no passado e na atualidade. Há ainda breves relatos de como foram as entrevistas com os idosos, mostrando como a simplicidade e hospitalidade também fazem parte da rica bagagem que esses guardiões da comunidade possuem.

No quarto capítulo, “10 objetos significativos”, há uma lista com os dez objetos considerados mais importantes para a comunidade pelos jovens. Também é feita uma breve descrição desses objetos e o porquê de serem considerados tão significativos. Símbolos para os moradores, eles também possibilitam conhecer um pouco mais da história da comunidade.

No quinto capítulo, “Cultura quilombola na escola”, há a descrição de uma linda ação realizada com os estudantes da Escola Municipal XV de Novembro, situada na comunidade. Dentre as atividades realizadas pelos pequenos destaca-se a elaboração de uma historinha de luta e resistência. Há aqui grande possibilidade de se emocionarem, leiam e se inspirem nessas crianças que são o futuro da comunidade!

No sexto capítulo, “Alfabeto quilombola”, é apresentado um alfabeto elaborado pelos estudantes da escola XV de Novembro. Para a seleção das palavras associadas a cada letra foi levada em conta a realidade da comunidade. Esperamos que ele possa ser utilizado tanto pelos professores do Paiol quanto por outras comunidades quilombolas que queiram valorizar a cultura dos negros.

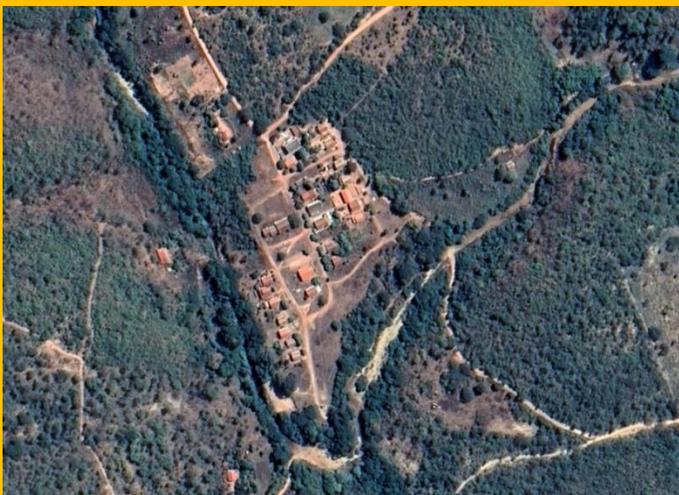
No sétimo capítulo, “Os trabalhos das mulheres” é apresentada uma ação em que 10 mulheres da comunidade

foram convidadas a preencher uma agenda com suas atividades em um dia comum. A partir da interpretação das informações coletadas nas agendas é possível conhecer e compreender a realidade do trabalho de fortes mulheres. Se preparem para se emocionar, assim como as mulheres que participaram da ação ao perceberem a importância de seus trabalhos para as famílias e para a comunidade.

Sumário



| | |
|---|-----|
| História do Paiol | 15 |
| Mapeamento das plantas medicinais | 37 |
| Experiências de saúde/doença entre idosos | 47 |
| 10 objetos significativos | 65 |
| Cultura quilombola na escola | 79 |
| Alfabeto quilombola | 87 |
| Os trabalhos das mulheres | 115 |

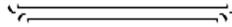


Vista aérea da comunidade
Fonte: Google Earth, 2020.



Estrada que leva para a comunidade

História do Paiol



Olhar o passado deve ser apenas um meio de entender mais claramente o que e quem eles são, para que possam construir sabiamente o futuro.

Paulo Freire

Início refletindo sobre a importância de conhecermos o passado, pois ele permite nos reconhecermos, saber quem fomos, quem somos e quem queremos ser. É observando-o que reconhecemos onde erramos e fazemos disso aprendizado, construindo um melhor presente e conseqüentemente o futuro. Conhecer nossas raízes é fomentar nossa identidade mantendo em memória a criação e cultura de um povo. A você, caro leitor, dou a oportunidade única de conhecer a história de um povo que, apesar de tanto ter sofrido e possuir em suas memórias marcas sangrentas que tintam o povo brasileiro, encontrou forças e determinação para a sobrevivência, na busca pelo reconhecimento de suas raízes com uma esperança inabalável. Viajaremos no passado da vida de um povo caracterizado por gargalhadas altas e espontâneas, o povo da Comunidade Quilombola do Paiol.

Para iniciarmos essa viagem no tempo gostaria de informá-los que o nosso transporte é, principalmente, a pesquisa qualitativa. Nosso combustível foi adquirido através de entrevistas semiestruturadas realizadas com os membros mais velhos do Paiol. Também foram utilizados trabalhos acadêmicos produzidos pelos discentes do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da UFVJM sobre a

comunidade. As informações adquiridas mostram diversas facetas sobre a história, mas aqui será apresentado a mais conhecida e considerada pelos moradores. Antes de conhecermos a Comunidade do Paiol, ousou viajar um pouco mais atrás, quando os negros surgem no nosso país. Isso será feito para demonstrar o quanto é importante a resistência, empoderamento e auto reconhecimento de um sujeito. Não se preocupe caso sinta-se muito emocionado, isso prova a sua humanidade.



Dona Conceição, mãe de José Francisco

Ponto de partida: o povo negro e o surgimento do Paiol

Os negros são africanos arrancados de suas terras e trazidos para o Brasil, como mão de obra escrava no trabalho com a agricultura, mineração e serviços domésticos. Os sofrimentos vividos por eles foram atos desumanos desenvolvidos principalmente pelos portugueses. Submetidos à tortura, enfrentavam máscaras de ferro que os impediam de se alimentar, troncos e açoites como punição e viramundo – um tipo de corrente que prendia pés e mãos. Tais torturas levaram muitos à morte. Agora, reflitamos sobre a dor, a

angústia, a fome, a raiva, o medo e o desprezo que o povo negro enfrentou por simplesmente ser diferente.

Todo o sofrimento vivido influenciou os negros a lutar e resistir. Mesmo proibidos de manifestar suas culturas, escondidos nas senzalas praticavam suas crenças como a capoeira e organizavam meios de fuga. Muitos conseguiram fugir, formando os chamados quilombos, onde podiam viver de certa forma “livres” e desenvolver suas práticas culturais. Em 1888 ocorreu a abolição da escravidão, visando a integração do negro na sociedade. No entanto, o negro não se libertou por completo. Até hoje tenta conquistar seu espaço com muita luta em uma sociedade etnocêntrica, preconceituosa e racista. Somos todos seres humanos, com o mesmo esqueleto vertebral, mas nem todos possuem essa visão.

Agora, conheceremos a história dos descendentes africanos que carregam consigo os marcos vividos pelos seus ancestrais. O Paiol é uma comunidade rural localizada a nove quilômetros da cidade de Cristália, no norte de Minas Gerais. Pertence ao bioma cerrado e possui clima semiárido. Atualmente é composta por aproximadamente 300 habitantes e 60 famílias, sendo formada mormente por adultos e idosos, tendo como predominante as pessoas do sexo feminino. O Paiol é uma comunidade de remanescentes quilombolas que vem aos poucos tentando resgatar sua própria cultura. Seu nome inicial era Barra de Contenda em homenagem ao rio que passava no fundo da comunidade. Posteriormente, em meados de 1988, passou a ser chamado de Paiol devido à grande quantidade de paióis, utilizados para armazenar as safras de milho, existentes na comunidade na época.

O processo de territorialização do Paiol possui uma história de luta e resistência na busca por liberdade e autoconhecimento. Segundo alguns moradores, os responsáveis pela constituição da comunidade foram Dona Maria e seu esposo Savaiano Pereira, os quais vieram “a pés” de uma fazenda chamada Vacarias, passando muitas necessidades durante a trajetória. O caminho era longo e devido à falta de alimentos chegaram a se alimentar do próprio calçado, feito de couro de vaca. Abrigaram-se no território originando sete filhos, sendo eles: Joana, Refina,

Trocata, Rumana, Ricardo, João e Geraldo (mais conhecido como Major). Além desses, havia moradores de outras descendências familiares, sendo os mais conhecidos: Zé de Candim, Maria Luíza, Lucas, Ana Clara, Chiquinha, José de Ameico e Barbina.

Dentre as diversas histórias que expressam o surgimento da comunidade a mais significativa é a que enfatiza a importância da Senhora Nolberta Gomes de Souza e seu esposo Major. A Senhora Nolberta é considerada na região como a maior liderança da comunidade, pois gerou 14 filhos, responsáveis pelo crescimento populacional do território. Nolberta era filha de Precheda, uma ex-escrava fugitiva dos quilombos da Chapada de Diamantina, Bahia, que se refugiou na região de Cristália em busca de melhores condições de vida. Portanto, Nolberta era descendente de escravos, detentora de inúmeros saberes que foram repassados para as futuras gerações, sendo uma das principais responsáveis pelo acervo cultural do Paiol. A Senhora Nolberta faleceu com aproximadamente 92 anos de idade, deixando seu legado, atividades culturais e tradições trazidas pelo conhecimento da vida escravista para as futuras gerações.

A comunidade possui muros de pedras e vales de escavação que eram utilizados para a divisão dos terrenos. Além disso, o modo de sobreviver no campo, as crenças e tradições – tais como danças folclóricas, batuque, cantiga de roda, mazurca, rancheira e capoeira – qualificaram o território e seus membros como quilombolas. No ano de 2007 a comunidade foi reconhecida como quilombola pela Fundação Cultural Palmares devido a esses vestígios da cultura escravista. Segundo Berutti, Lisboa e Santos (2012, p.49), “ser Quilombola é pertencer a uma comunidade e assumir suas origens, orgulhando-se de sua cultura, identificando-se com ela e lutando para preservá-la.” A construção dessa identidade baseia-se em marcos fortes e significantes. Conhecer e preservar a história do Paiol é manter viva a memória afetiva de um povo guerreiro.



Apolinária (Pulu) e Maria, filhas de Nolberta

Primeira parada: descrição do território

Habitar uma comunidade rural é estar mais próximo da natureza e desfrutar de todo o encantamento e prazer que esse ambiente proporciona. O Paiol, conforme a fala dos moradores, era um paraíso de se viver, pois possuía fauna e flora diversificada. O local era rodeado de mata nativa contendo árvores como Mutamba, Araçá, Cagaitera, Maria Mulata, Goiabeira, Mangabeira, Aroeira, Murta, Jatobá, Pequi, Massambé, entre outras. Na mata era possível encontrar animais silvestres como tatu, veado, paca, cutia, melete, caititu, tamanduá, porco espinho, entre outros. Esses animais serviam de alimento para os moradores, capturados através da caça. Eles não são mais encontrados na comunidade. Contudo, não foram extintos somente pela caça, mas, principalmente, pela destruição da mata nativa.

Uma das maiores riquezas da comunidade era a abundância hídrica, com grandes períodos chuvosos. A comunidade é banhada pelos rios Contenda e Soberbo, além do córrego do Buriti. Nesses rios os moradores realizavam a pesca de peixes, principalmente de lambari, traíra, pacu, piau, tilápia, curimba, inguila, cascudo, timburé, bagre e pintado. A riqueza hídrica que tornava o Paiol um lugar precioso aos poucos foi se acabando. A mata nativa e os animais silvestres foram dando espaço para lavouras e pastagem. Local que antes se beneficiava dos grandes recursos naturais, atualmente possui pouca mata nativa e enfrenta dificuldades de acesso à água.

Parte da mudança da fauna e flora do Paiol se deu pelo uso dos moradores, que desmataram grandes áreas para plantio e criação de animais, além de se aglomerarem próximo às nascentes. Um fato muito importante é que o norte de Minas Gerais se tornou, ao longo das últimas décadas, uma das maiores áreas de plantio de eucalipto do mundo, sendo indispensável relatar que isso causa danos irreversíveis no meio ambiente. Aproximadamente em 1990 a empresa RIMA (Ricardo e Marisa), que desenvolve monocultura de eucalipto, se instalou em Cristália, onde posteriormente realizou o plantio nas chapadas próximas ao território do Paiol, contribuindo para as mudanças climáticas e para as crises pluvial e fluvial.

Apesar de o território apresentar riquezas naturais, os moradores enfrentavam grandes dificuldades para sobreviver. As casas da comunidade eram feitas de pau a pique, ou seja, de madeira, outras de palhas, barro e somente os que tinham maior estabilidade financeira construía casas de adobe. Um fato curioso é que as casas eram muito pequenas, porém acomodavam em média dez pessoas, já que nesse período os pais geravam muitos filhos. As camas eram feitas de varas de madeira e no lugar do colchão era utilizado couro de animais, principalmente bovinos. Outrora utilizavam palhas de bananeira. Tudo isso, demonstra o sofrimento que os antepassados enfrentaram para garantir sua existência.

A vida campesina nunca foi fácil e sabemos que, durante seu processo histórico, muitas vezes essa classe foi menosprezada e negligenciada pelas grandes elites. No Paiol não foi diferente. Segundo Dona Orlinda¹: “A época que nós mais sofremos foi por volta de 1939, parece que o Paiol era o lugar mais sofrido da região, muitas vezes nós não tinha nem o que comer”. Nesse período chegaram a se alimentar de ratazanas, lagartixas, barduega, palmas, caruru de porco e farinha de coqueiro, devido à falta de alimentos e ajuda governamental. As vestimentas da maioria dos moradores eram produzidas por eles mesmos, eram feitas de sacos de estopas e, para pintá-las, deixavam o tecido avinhar na casca

¹ Orlinda Gomes Pereira dos Santos. Moradora do Paiol. Entrevista concedida a Nayara Pereira Gomes, 2019.

de jatobá e posteriormente tintavam com uma lama preta. É lamentável o sofrimento que nossos ancestrais tiveram que enfrentar, mas isso contribuiu para que ampliassem sua resistência e luta por uma vida melhor.



Petrina (Preta), filha de Nolberta, e seu esposo Antônio (Tonão)

Segunda parada: situação econômica

A economia da comunidade no princípio de sua fundação era movida principalmente por meio do garimpo de pedras preciosas como o diamante e o ouro. O garimpo era exercido por todos os membros da família até mesmo pelas mulheres, durante a maior parte do ano. Segundo Dona Vanda², “na época não existia peneira, o garimpo era feito com a bateia. A bateia era parecido com um funil feito de madeira”. As pedras preciosas que encontravam eram vendidas na cidade de Grão Mogol para os compradores que recebiam o nome de capangas e o dinheiro que recebiam com a venda era utilizado para a subsistência. O trabalho era árduo e muitas vezes não encontravam pedras, o que prejudicava toda a renda familiar ocasionando em fome e necessidades.

² Vanda Pereira dos Santos. Moradora do Paiol. Entrevista concedida a Nayara Pereira Gomes, 2019.

Apropriando-se dos recursos naturais que a comunidade possuía, os moradores passaram a desenvolver a agricultura familiar com o plantio de milho, feijão, fava, arroz, andú, abóbora, quiabo, maxixe e hortaliças como alho e cebola. No plantio não utilizavam agrotóxicos, nem faziam muitos desmatamentos, sempre preservando o meio ambiente. Com a chegada da tecnologia os agricultores começaram a realizar plantações usando produtos químicos, mesmo sabendo que era prejudicial à saúde e ao solo, (Santos, 2016). No trabalho com a terra utilizavam de seus conhecimentos tradicionais, desenvolvendo o modo de vida que foi ensinado pelos seus ancestrais.

A colheita da agricultura era principalmente para o consumo da família. Algumas vezes vendiam uma pequena parte na feira que ocorria na cidade de Grão Mogol para comprar os alimentos que não produziam como macarrão e sal. Nessa época não havia veículo na região, somente algumas pessoas consideradas de grande condição financeira possuíam animais que utilizavam para o transporte. Nesse sentido, a maioria percorria a pé aproximadamente 30 quilômetros com sacos pesados na cabeça, tanto de alimentos para venderem, quanto de alimentos que compravam na cidade de Grão Mogol. Em meados de 1964 a cidade de Cristália se emancipou de Grão Mogol mudando de forma significativa a vida dos Paiolenses, pois, a partir disso, passaram a vender e comprar alimentos da cidade de Cristália.

Com o passar do tempo, nos anos de 1980 a atividade agrícola que ganhou destaque na comunidade foi a produção artesanal de farinha de mandioca, estimulando o reconhecimento do território na região. A mandioca era um produto resistente aos períodos de estiagem, garantindo renda às famílias. A comunidade foi intitulada como a produtora da melhor farinha na região, por produzi-la branquinha, fininha e sequinha. Segundo Aguiar (2019), “a farinha de mandioca na comunidade é considerada como uma fonte de renda, sendo uma atividade símbolo de resistência e de vínculo com o território”. A farinha era vendida principalmente na feira comunitária que ocorria quinzenalmente na cidade de Cristália (AGUIAR, 2019). Essa

produção, atualmente, não ocorre com a mesma frequência que antes, as pessoas mais velhas não possuem forças físicas para continuar com o trabalho e os jovens pouco se interessam em preservar essa cultura. Infelizmente muitos jovens da comunidade não possuem perspectivas de vida na comunidade, devido ao desemprego e por sentirem que o campo ainda é visto como lugar de atraso.

Com a falta de emprego na comunidade, entre os anos de 1984 e 1990 os moradores procuraram formas de adquirir renda trabalhando em outras cidades, principalmente na região de São Paulo e Goiás. Nessas cidades trabalhavam no corte de cana de açúcar e sempre que podiam mandavam dinheiro para os familiares que permaneceram no território. O número de pessoas que deixavam o Paiol em busca de melhores condições era e ainda é elevado, auxiliando no crescimento da população urbana e aumentando cada vez mais o êxodo rural. Atualmente os moradores não migram para o corte de cana, pois o trabalho braçal que exerciam foi substituído por maquinários. No entanto, migram para o sul de Minas Gerais para a colheita de café nos meses de maio a setembro. A renda alcançada serve para a sobrevivência na comunidade nos demais meses, uma vez que não há emprego local.



Judite (Dica), filha de Nolberta

Terceira parada: práticas culturais

Os moradores são detentores de inúmeros saberes advindos de seus ancestrais. Esses saberes são de grande importância na caracterização do território e na construção identitária dos moradores. Os saberes mais reconhecidos são: modo de plantar e colher, curandeiro e parteira. Além disso, há os contadores de estórias e histórias, transmissores dos conhecimentos culturais, tradições, crenças, brincadeiras, dentre outros. Todos esses saberes são transpassados de geração em geração por meio da oralidade, sendo o diálogo entre os moradores o principal instrumento para a manutenção e propagação das práticas tradicionais vigentes na comunidade.

O modo de plantar e colher é uma prática que acompanha os moradores desde as primeiras gerações. O plantio é feito observando as fases da lua, respeitando as estações e seus calendários próprios. Consideram as fases nova e minguante da lua as melhores épocas para o plantio, pois acreditam que terão uma colheita de maior qualidade e quantidade. Esse saber é essencial para os moradores, uma vez que sua prática é uma forma de, além de subsidiar a sobrevivência, vivificar o conhecimento e memória de seus ancestrais.

Nos anos mais distantes, os moradores da comunidade raramente frequentavam hospitais. Na maioria das vezes curavam suas doenças com o uso de plantas medicinais, orientados pelos curandeiros. Atualmente os mais conhecidos na região são o Senhor Afonso e, principalmente, o Senhor Zeca (Zacarias). Eles eram procurados tanto por membros da comunidade quanto por integrantes de outras localidades para fazerem garrafadas que tratavam e/ou curavam suas enfermidades. O conhecimento acerca das propriedades medicinais possibilitou que sobrevivessem apesar das grandes dificuldades como a falta de acesso aos medicamentos industrializados.

Outro saber que contribui para a valorização cultural do Paiol é o de parteira. Na comunidade a mais conhecida é a Senhora Maria de Vanderlim. Porém, devido à sua idade e à facilidade que os membros do Paiol têm em acessar os

hospitais, ela não exerce mais a profissão. Antigamente as mulheres tinham seus filhos nas suas próprias casas com o auxílio das parteiras, sendo que era muito difícil o acesso aos hospitais. A presença de uma parteira na comunidade é de grande significância para estimular o vínculo com o território, especialmente daqueles que tiveram a oportunidade de nascer na própria comunidade. Com esse conhecimento adquirido a parteira auxiliava as mulheres daquele território ajudando durante o parto e orientando as futuras mães como cuidar das crianças. A parteira utilizava práticas populares, como uso de plantas medicinais, superstições e simpatias. Além disso, antes dos partos sempre realizava uma oração (RODRIGUES & SANTOS, 2016).

Os moradores da comunidade possuíam uma forte união, evidenciada na prática de mutirões para realizar atividades no território. Os mutirões ocorriam em diversos momentos, tais como no período das plantações, onde se ajudavam no plantio e limpeza das roças, além de roçarem as estradas da comunidade. O mutirão também era feito para ajudar na construção e reforma das casas. Assim, as atividades desenvolvidas pelos moradores demonstram com clareza características campesinas. A prática do mutirão não somente auxiliava no trabalho dos moradores, mas proporcionava momentos de interação entre eles, com diálogos e brincadeiras que fortaleciam a união e o vínculo com o território.

Os moradores do Paiol valorizavam e empenhavam-se em realizar as tradições advindas de seus antepassados. Para isso, ocorriam várias festas culturais na comunidade, nas quais todos os membros participavam sendo que pertenciam à mesma religião, a católica. As principais festas eram a de São João, Santo Antônio, Santana, São Pedro e a Folia de Santos Reis. Além da Domingada, uma reza que acontecia aos domingos. Essas festas ocorriam majoritariamente nos meses de junho e julho. Nesses eventos a diversão era garantida com bebidas, músicas, danças e às vezes até certas discussões. É importante mencionar que o ser humano constrói sua identidade e valores a partir das interações sociais e é na arte desses acontecimentos que emerge o reconhecimento enquanto sujeito.

Apesar de todo o sofrimento enfrentado pelos moradores eles conseguiam destinar um tempo à prática de brincadeiras como cantigas de roda, peteca, gangorra, pega-pega, pique-esconde, cabra-cega, banho no rio, rouba bandeira, gaspará, guerreiros de Jó, adedonha, futebol, queimada, dentre outras. Como não tinham condições de comprar, os moradores construíam seus próprios brinquedos de forma criativa, como carrinhos de madeira e de lata de óleo. As bonecas eram feitas de palha e cabelo do milho. Poucas dessas brincadeiras são praticadas hoje em dia, tendo sido substituídas pelo uso do celular e por jogos eletrônicos. Isso tem contribuído para a criação de uma geração distante das origens culturais que caracterizam e dão significado ao território.

Atualmente, as práticas culturais tradicionais não são tão exercidas como nos anos passados. Com o passar do tempo, os moradores tiveram acesso a outro tipo de religião e a maioria deles passou a ser evangélicos. Com o passar dos anos surge na comunidade a Congregação Cristã no Brasil, tendo a igreja sido constituída no ano de 2010. Essa nova religião alterou a crença e o modo de vida dos moradores. Com isso, somente poucos católicos continuam com as festas locais, tendo como principal a festa de São João. Já os evangélicos realizam cultos semanalmente e promovem alguns eventos como ensaio musical e batismos. Essa divisão advinda da religião se instalou em pontos específicos da comunidade, os católicos são mais numerosos no Paiol 2 e os evangélicos no Paiol 1, porém no mesmo território. Isso ocorreu naturalmente conforme as pessoas iam se identificando com a religião.

Uma prática cultural que se destacou no Paiol foi a capoeira, dança característica da cultura quilombola. Essa dança é símbolo de resistência para seu povo, desenvolvida e praticada pelas crianças, jovens e adultos. No seu exercício utilizam-se instrumentos como o berimbau, tambor e chocalho que dão ritmo próprio à dança. As letras das músicas tocadas refletem o sofrimento e a luta do povo negro para enfrentar a opressão em busca da liberdade. Nos dias atuais essa dança vem sendo pouco praticada por conta da migração

dos instrutores para outras localidades em busca de melhores condições de vida.

Outra herança cultural da comunidade é a prática culinária. Os pratos típicos ao serem degustados remetem ao passado e deixam na boca um gostinho de saudade. A forma com que são preparados traz elementos do tradicionalismo e reafirmam os laços com o território e com os ancestrais. Os pratos mais conhecidos são: paçoca de carne, pamonha, mané pelado, farinha de milho, beijuzada, mingau, angu e feijoada (COSTA, 2019). Esses alimentos marcaram a infância da maioria dos moradores, mas não são mais produzidos com a mesma frequência. Isso faz com que os momentos raros de seus preparos sejam únicos e tragam lembranças significativas.

Um dos maiores avanços ocorridos no Paiol foi a chegada da energia elétrica através do programa Luz para Todos, em meados de 2003. Após a chegada da energia as coisas começaram a mudar na comunidade, tanto positivamente quanto negativamente. Por um lado a energia possibilitou acesso às tecnologias, principalmente ao uso da TV e aos telefones. Além disso, facilitou o uso de algumas máquinas utilizadas na agricultura. Por outro lado, as pessoas começaram a se afastar umas das outras, a união foi se enfraquecendo. O hábito da visita ao vizinho à noite para conversas à beira da fogueira que era frequente passou a ficar apenas na lembrança. Como expressa Dona Valdete³, “ah, eu sinto falta não só de como era a natureza, mas da união do povo, das visitas, conversas, brincadeiras, acho que a televisão tem tomando muito o tempo do povo”. Não neguemos que os avanços trouxeram melhorias na vida das pessoas permitindo maior bem estar físico e psicológico. No entanto, afetou algumas práticas desse povo que eram de grande importância para a preservação cultural.

³ Vanda Pereira dos Santos. Moradora do Paiol. Entrevista concedida a Nayara Pereira Gomes, 2019.



Senhor João (João grande), filho de Nolberta

Quarta parada: processo educacional

O processo educacional no Paiol demonstra o quanto a classe trabalhadora brasileira, principalmente a campestre, enfrentou dificuldades em acessar a educação formal. A maioria dos moradores mais velhos do território é analfabeta, pois não teve acesso à educação. Não havia escola na comunidade e priorizavam ajudar os pais no trabalho com o garimpo e com as lavouras, ao invés de se deslocarem para estudar em outros locais, os quais eram distantes.

O estudo surge na comunidade com aulas que ocorriam nas casas dos próprios educadores. Nesse período os professores não possuíam formação superior, sendo que o ensino fundamental completo era considerado o maior grau de estudo. Segundo Dona Vanda (2019), “Lembro que as aulas ocorriam na casa de Bela de Zezim Gomes, foi a primeira professora no Paiol e morava no córrego do Buriti. Depois foi dona Lurdes e a terceira foi Teté de Ramiro”. Também houve a professora Zélia, que lecionava na casa do Senhor Nozim. Os estudantes se deslocavam até as casas das professoras onde aprendiam a ler e escrever.

Com o passar do tempo, novas gerações surgiram, mudanças sociais foram acontecendo e alguns moradores começaram a frequentar a escola na cidade de Cristália. Os estudantes percorriam cerca de 15 quilômetros a pé para estarem na cidade para estudar, pois não existia o transporte escolar. Estudavam no turno vespertino e saíam de suas casas ainda de manhã para chegar na escola no horário adequado. Nessa época, muitas vezes saíam com fome de suas casas, pois não tinham mantimentos. Nas estradas se alimentavam de frutas do cerrado como mangaba, jatobá e cagueiteira. O Senhor Carlos enfatiza⁴: “muitas vezes levávamos sacos de farinha e outros alimentos na cabeça para vender na cidade a mando de nossos pais”. Ao término das aulas, retornavam para suas casas chegando já à noite.

Por volta de 1980 a condição das famílias ainda era de muita carência. Como não tinham recursos para comprar todo o material escolar, os moradores estudavam com o material que a escola disponibilizava tendo como bolsa sacos de plásticos como de arroz, ou de couro de animais. Segundo a Senhora Leidimar⁵: “Nós sofriamos muito, passávamos fome, chegávamos na escola já cansados e ainda tínhamos que enfrentar os colegas rindo de nossas roupas, materiais e cabelo. Acho que por isso tínhamos dificuldades em aprender.” Nesse período alguns chegaram a desistir dos estudos devido à grande dificuldade, tanto de acesso quanto de aprendizagem.

Os moradores do Paiol, além do sofrimento gerado pela fome, enfrentaram problemas sociais como preconceito e racismo, por serem negros e de cabelos afro. Ser quilombola requer auto-reconhecimento, pois é necessário enfrentar com luta e resistência os padrões sociais que foram ao longo dos anos impostos por uma elite de cor branca. “As mulheres da comunidade na faixa etária de 45 anos, quando crianças cortavam seus cabelos igual aos homens, pois sentiam vergonha de seus cabelos, não sabiam e nem tinham condições de realizar tratamentos de beleza” (GOMES, 2019).

⁴ Carlos Gomes da Costa. Morador do Paiol. Entrevista concedida a Nayara Pereira Gomes, 2019.

⁵ Leidimar Gomes da Costa. Moradora do Paiol. Entrevista concedida a Nayara Pereira Gomes, 2019.

Para cuidarem de seus cabelos utilizavam produtos naturais, como babosa, óleo de coco, azeite, banha de galinha, tutano de boi, entre outros. Atualmente as mulheres têm se empoderado de sua beleza negra e aceitado suas raízes, demonstrando a beleza que dá cor e vida ao nosso país.

A educação brasileira foi aos poucos se desenvolvendo e contemplando todas as classes. Dentre outras coisas, para isso foram criadas escolas nas zonas rurais. Assim, o Paiol recebeu um dos seus bens mais valiosos, a Escola Municipal XV de Novembro. A Escola Municipal XV de Novembro foi criada no dia 02 de junho de 1965 e seu nome foi escolhido em homenagem à Proclamação da República (CRUZ, 2018). A escola foi criada em 1965 mas sua inauguração ocorreu em 1969 (OLIVEIRA, 2018). Sua construção mudou a vida de muitos moradores, pois a partir dela o acesso à educação se tornou muito mais fácil.

O prédio da escola é formado por uma cozinha, dois banheiros, um quarto de dispensa, um refeitório e duas salas de aulas. A escola atende os anos iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, do 1º ao 5º ano, possuindo uma única turma multisseriada. Segundo alguns moradores, a primeira professora foi dona Maria de Fátima, que era do próprio território. Outros paiolenses que também lecionaram foram o Senhor Oscar e a Senhora Cida do Paiol (Aparecida). Atualmente a professora é Eliana, descendente dos primeiros moradores, trabalha há mais de vinte anos na comunidade, contribuindo para a formação de seus familiares.

No final da década de 1980 o prédio da escola também era utilizado para o ensino de adultos, através do programa federal Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) (QUARESMA, 2018). Esse ensino possibilitou que as pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar enquanto crianças pudessem ser alfabetizadas. Isso gerou grande contentamento, principalmente para os idosos, que aprenderam a escrever seus próprios nomes. Além da oportunidade de acessar o ensino que lhes foi privado anteriormente, os moradores passaram a ter contato com conhecimentos que contribuíram para ampliar suas visões de mundo.

O nível educacional médio atualmente é significativo e motivo de orgulho para todos do território. Grande parte dos jovens e alguns adultos possuem ensino médio completo. A graduação tem sido um dos maiores avanços para os moradores, sendo que muitos já possuem essa formação e outros estão ingressados na jornada acadêmica. Parte desse resultado advém dos conselhos dos mais velhos que, por não terem estudado, incentivam as novas gerações a se dedicarem, pois consideram o estudo a ferramenta principal para adquirir melhores condições de vida.



Ana (Neném), filha de Nolberta, e seu esposo Eduardo

Quinta parada: organização política

O ato de organizar-se politicamente no Paiol advém dos primórdios da experiência quilombola, pois para lutarem em prol do direito à liberdade tinham como estratégia a formação de grupos com lideranças e regras para uma melhor convivência nos quilombos. A primeira organização formal na comunidade nos moldes contemporâneos ocorreu por volta de 1987, com a fundação da Associação dos Pequenos Produtores Rurais. A associação tinha como objetivo auxiliar os produtores rurais em suas práticas agrícolas e adquirir recursos para o desenvolvimento comunitário. O presidente que fundou e contribuiu para o desenvolvimento dessa

organização foi o Senhor Zé Pequeno (José Gomes), uma das lideranças políticas do Paiol.

Com essa organização do povo em busca de direitos foram vários os benefícios governamentais alcançados. Dentre eles, tratores para aragem de terras, poços artesianos e grandes panelas para preparo de alimentos em dias de eventos como mutirões e reuniões de associações. A maior conquista da Associação foi o projeto de construção de casas para alguns moradores, formando uma agrovila que hoje em dia é tida como centro da comunidade. Nesse local ocorrem eventos e práticas culturais. Além disso, a Associação trouxe para a comunidade uma creche, garantindo o ensino para as crianças. Porém, atualmente esta creche está desativada.

Outra organização presente no território que contribuiu para a mobilização do povo é a Associação Quilombola. Constituída a partir dos aspectos culturais que caracterizam o local e moradores como remanescentes quilombolas. Para sua formação, o principal responsável foi também o Senhor Zé Pequeno, juntamente com Lupino, o representante da Fundação Cultural Palmares que orientou o povo a buscar seus direitos. Uma de suas conquistas, além do reconhecimento do território, foi o telecentro comunitário, localizado no antigo prédio da creche do Paiol. A Associação também garantiu, juntamente com a Fundação Palmares, cestas básicas para os moradores que apresentavam carência financeira. Atualmente, ela persiste na luta por organizar o povo e garante aos sócios, estudantes universitários, o direito de receber benefícios governamentais como bolsas de estudo.

Ao longo dos anos, moradores do Paiol ingressaram na carreira política com o pensamento de que assumindo cargos de liderança trariam melhorias à sua comunidade, além de alcançarem representatividade. Foram vários os candidatos ao cargo de vereador, dentre eles o Senhor Oscar e o Senhor João Grande. No entanto, só chegaram a ser eleitos Zé Pequeno, Nelito e Cida do Paiol. Esses vereadores tentaram, ainda que com muita dificuldade, ajudar seu povo e incentivar os demais a conquistar espaços e locais de fala na sociedade.

Um marco que facilitou a vida de todos os membros do território foi a abertura das estradas que deram acesso à

cidade de Cristália. Isso ocorreu por volta de 1980, no período em que o Senhor Tengo administrava o município. Vários representantes políticos se empenharam em trazer melhorias para a comunidade. Pode-se citar como exemplo o Senhor Evaldo Jenner, que quando eleito prefeito conquistou caminhões que serviam ao transporte dos moradores para a cidade, tanto para estudar como para vender seus produtos na feirinha. Um dos marcos mais recentes, no que diz respeito às conquistas políticas, foi o Posto de Saúde na comunidade, onde ocorre atendimento médico quinzenalmente.



Filhos e netos da Senhora Ana (Neném)

Fim da viagem

O Paiol tem se modificado com o passar do tempo, principalmente com o progresso que chegou à comunidade. Não neguemos que o avanço trouxe modificações que facilitaram a vida campesina. Porém, também contribui para o enfraquecimento cultural, por meio das tecnologias e do uso desenfreado dos recursos naturais em seu desenvolvimento. Atualmente, a comunidade vem tentando resgatar suas práticas culturais. Isso tem ocorrido, principalmente, pela

ação dos acadêmicos da LEC, que têm procurado a valorização territorial e cultural desse povo. Essa busca pela preservação cultural e identitária não significa menosprezar os aspectos da atualidade, mas reviver parte da história que construiu nossas raízes.

Nossa! Como é prazeroso poder viajar no tempo, conhecer a história de um povo, seus marcos e desafios através das palavras. Essa viagem apresentou de forma simples, mas ao mesmo tempo emocionante, o território, a economia, as práticas culturais e o processo educacional do Paiol. Como visto, esse povo enfrentou muitas dificuldades, mas persistiu na luta, buscou estratégias para a sobrevivência e aos poucos conseguiu conquistar espaço e reconhecimento. Essas pessoas tiveram suas trajetórias de vida marcadas desde o princípio, sendo que carregam na memória o sofrimento de seus ancestrais. No entanto, isso não as fez baixar a cabeça. Pelo contrário, continuaram firmes, levando um sorriso no rosto, a hospitalidade e a felicidade que contagia a todos até os dias de hoje.

Abrir as portas do passado para podermos conhecer nossas raízes e entender o nosso presente é muito comovente. Ao descrever essa viagem passamos por vários sentimentos. Algumas vezes pela tristeza e pela raiva, mas prevaleceu o orgulho e a admiração por esse povo. Sentimo-nos envolvidos pela saudade de um tempo que já se foi e que hoje só resta na recordação contada pelos anciões desse território. A escrita dessa viagem histórica poderá ser a máquina do tempo para as futuras gerações que não viveram esses momentos, mas que poderão conhecer suas raízes a partir da leitura das palavras contidas nesse texto. Ademais, confiamos que você, leitor, faz parte dos que acreditam em dias melhores e em um mundo onde as pessoas respeitem uns aos outros, independentemente de raça, crença ou origem.

Referências

AGUIAR, Eva Aparecida Silva de. **Trabalho Interdisciplinar do Tempo Comunidade IV**. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Comunidade Quilombola do Paiol, 2019.

BERUTTI, Flavio; LISBOA, Andrezza; SANTOS, Igor. Comunidades quilombolas e a identidade étnica e cultural. **Comunidades Quilombolas: espaços de resistência**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

COSTA, Leidimar Gomes da. **Trabalho Interdisciplinar do Tempo Comunidade IV**. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Comunidade Quilombola do Paiol, 2019.

CRUZ, Diemerson Rocha da. **Trabalho do Tempo Comunidade**. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Comunidade Quilombola do Paiol, 2018.

GOMES, Nayara Pereira. **Trabalho Interdisciplinar do Tempo Comunidade IV**. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Comunidade Quilombola do Paiol, 2019.

OLIVEIRA, Alina dos Santos Rocha. **Relatório do Tempo Comunidade**. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Comunidade Quilombola do Paiol, 2018.

QUARESMA, Anne Karine Pereira. **Relatório do Tempo Comunidade**. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Comunidade Quilombola do Paiol, 2018.

RODRIGUES, Alessandra Gomes; SANTOS, Valdineia Pereira dos. **Relatório do Tempo Comunidade: Produtores de saberes na comunidade do Paiol**. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Cristália, 2016.

SANTOS, Valdineia Pereira dos. **Relatório do Tempo Comunidade**. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Comunidade Quilombola do Paiol, 2016.



Passagem do rio Soberbo próximo à agrovila



Entrada da agrovila, centro da comunidade

Mapeamento das plantas medicinais



A caracterização de um território envolve tanto aspectos da natureza quanto dos seres que nele habitam, visto que são esses os principais responsáveis pela transformação do espaço. A compreensão de um território envolve, portanto, a consideração tanto de aspectos físicos quanto de aspectos simbólicos. Isso porque os usos e transformações do território podem se dar no plano físico, no que diz respeito aos aspectos geográficos, mas também no plano simbólico, no que se refere aos elementos culturais.

O Paiol, assim como outros territórios quilombolas, possui elementos da sua cultura que devem ser preservados para que não se extingam com o decorrer do tempo. Dentre eles, destaca-se o uso de “*remédios do mato*”, de plantas medicinais para o tratamento e cura de enfermidades. No passado essa prática era bastante prestigiada e comum na comunidade, sendo difundida através da oralidade. Pode-se dizer que durante muito tempo o uso das plantas era a principal forma de cuidado com a saúde. Porém, com a facilitação do acesso aos atendimentos médicos e com a popularização dos medicamentos farmacêuticos, esse costume foi sendo negligenciado, sobretudo pelos mais jovens.

Tendo em vista o crescente descaso que tais práticas vêm enfrentando atualmente, foi planejada uma ação de mapeamento das plantas medicinais presentes no território da comunidade do Paiol. O principal intuito foi valorizar os saberes dos moradores quanto às propriedades medicinais dos “*remédios do mato*”. Além disso, objetivou-se a produção

de um material com informações sobre quais plantas existem no território, para que servem e onde podem ser encontradas. Por meio dessa ação seria então constituído um acervo que armazenaria as informações e poderia ser consultado tanto pelos moradores como por sujeitos de outras localidades, promovendo a divulgação da cultura da comunidade.



Planta medicinal encontrada no território do Paiol

A proposta era, a partir de caminhadas pelo território, produzir um mapa indicando os locais onde as plantas medicinais poderiam ser encontradas. Para tanto, foram convidados os membros da comunidade que possuem maiores conhecimentos sobre as plantas e seus habitats. Em função de suas trajetórias e informações, todos estes sujeitos estavam entre os integrantes de maior idade da comunidade. Por isso, para acompanhá-los foram também convidados estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LEC/UFVJM), aproveitando para estimulá-los a aprofundarem seus conhecimentos sobre o território.

Foram vários os trajetos realizados, tendo sido percorridos desde locais próximos às casas até os altos

morros e chapadas da comunidade. A experiência de caminhar pelo território foi de grande importância tanto para os jovens quanto para os convidados que participaram da ação. Aos jovens, embora sejam moradores da comunidade, possibilitou conhecerem locais nos quais nunca haviam estado anteriormente. Os moradores mais velhos, por sua vez tiveram uma oportunidade de reviver memórias: relembrou histórias que ocorreram nos trajetos quando crianças, comentaram como era a natureza anos atrás, como utilizavam aquele espaço para a caça de animais silvestres etc.

Outro aspecto interessante da atividade foi que, no decorrer das caminhadas, além de fazer a identificação das plantas, a coleta de amostras das mesmas e a caracterização dos espaços onde foram encontradas, jovens e adultos também realizaram diálogos que possibilitaram aumentar os vínculos entre eles. Ao mesmo tempo, os convidados se sentiram valorizados por estarem repassando seus conhecimentos para os jovens, que poderão garantir a continuidade dessa prática cultural. Conhecer seu território e as práticas culturais neles desenvolvidas é extremamente relevante para que os jovens respeitem e reconheçam os esforços feitos pelos antepassados em garantir a existência de suas culturas.



Morador da comunidade recolhe planta medicinal durante a caminhada

Durante as caminhadas foram encontradas 39 plantas medicinais diferentes, em sua maioria na chapada e uma parcela menor em brejos. Poderia ter sido encontrada

uma quantidade maior, porém no período em que foram realizadas as caminhadas algumas plantas estavam desfolhadas, o que impediu sua identificação. Com a ajuda dos convidados, e usando suas próprias palavras, as plantas identificadas e suas utilidades foram registradas na tabela a seguir:

Plantas medicinais encontradas na Comunidade do Paiol

| Nome popular | Finalidade |
|--|---|
| <i>5 Chaga</i> | <i>Boa pra doença de Chagas</i> |
| <i>Algodão</i> | <i>Bão pra dor de ouvido e infecção de útero</i> |
| <i>Arnica</i> | <i>Bão pra dor nas articulações e pra regular a pressão</i> |
| <i>Aroeira</i> | <i>Boa pro coração</i> |
| <i>Articum Branco</i> | <i>Bão pra congestão</i> |
| <i>Articum duro</i> | <i>Bão pro estômago</i> |
| <i>Baba de timão</i> | <i>É cicatrizante</i> |
| <i>Barriguda</i> | <i>Boa pra regular a menstruação</i> |
| <i>Braço Forte ou nó de cachorro</i> | <i>Bão pro sangue e afrodisíaco</i> |
| <i>Cagaiteira</i> | <i>Boa pra dor de barriga</i> |
| <i>Canela</i> | <i>Boa pra gripe e também aumenta a imunidade</i> |
| <i>Canela de velho</i> | <i>Bão pro reumatismo e dor nas articulações</i> |
| <i>Carobinha</i> | <i>Boa pro sangue e pra cafubira</i> |
| <i>Carrasqueira</i> | <i>Bão pro sangue, pra sarna e cafubira</i> |
| <i>Chapéu de couro</i> | <i>Bão pros rins</i> |
| <i>Dom Bernado ou Doradinha do campo</i> | <i>Bão pra abrir o apetite</i> |

| | |
|-------------------------|---|
| <i>Dorete</i> | <i>É afrodisíaco e pode ser usado junto com o braço forte</i> |
| <i>Espinheira santa</i> | <i>Boa pra dor na coluna</i> |
| <i>Figo de guará</i> | <i>Bão pra sarar a gordura no fígado e a enxaqueca</i> |
| <i>Goiaba</i> | <i>O chá da folha é bom pra dor de barriga</i> |
| <i>Grão de galo</i> | <i>Bão pra alergia</i> |
| <i>Guiné</i> | <i>Bão pra artrite e artrose</i> |
| <i>Ipê roxo</i> | <i>Bão pra sarar do câncer, dor de barriga, verme e é bão pro coração</i> |
| <i>Jatobá</i> | <i>É bão pra sarar do câncer e a resina da casca é fortificante</i> |
| <i>Junco</i> | <i>Bão pros gases</i> |
| <i>Jurubeba</i> | <i>Bão pro fígado</i> |
| <i>Malva de espinho</i> | <i>É bom pra regular as menstruações</i> |
| <i>Mamona</i> | <i>O azeite da mamona é bão pro cabelo e também é laxante</i> |
| <i>Maracujá</i> | <i>Bão pra acalmar</i> |
| <i>Pau doce</i> | <i>Bão pra bronquite</i> |
| <i>Pinha preta</i> | <i>Bão pros gases</i> |
| <i>Quatro pataca</i> | <i>Bão pro sangue</i> |
| <i>Quina</i> | <i>Boa pra malina, gripe, pra nascer dente mais rápido nas crianças e boa pra abrir o apetite</i> |
| <i>Sete Estrela</i> | <i>É boa pra sarar a picada de cobra</i> |
| <i>Tiozinho</i> | <i>Bão pra sarar da picada de cobra, aranha e escorpião</i> |
| <i>Trussisco branco</i> | <i>Bão pra sarar das picadas de cobra, aranha e escorpião</i> |
| <i>Trussisco roxo</i> | <i>Bão pra peste</i> |

| | |
|-------------------|---------------------------------------|
| <i>Unha danta</i> | <i>Bão pra sarar a tosse da gripe</i> |
| <i>Velame</i> | <i>Bão pro sangue</i> |

Com as amostras de folhagem colhidas durante as caminhadas foi construído um herbário para seu armazenamento. Esse herbário auxilia que outras pessoas conheçam as plantas e possam identificá-las no território. O incremento da circulação desses conhecimentos de uma só vez contribui, portanto, para a reprodução da cultura local e para o fortalecimento do controle sobre o território.



Herbário construído com plantas medicinais colhidas no território do Paiol

Na terceira e última etapa da ação foram construídos dois mapas localizando as plantas medicinais em seus habitats no território do Paiol. A produção dos mapas ocorreu em dia posterior às caminhadas. Por isso, nem todos aqueles que participaram das caminhadas colaboraram com a produção dos mapas. Por outro lado, aqueles que compareceram à atividade levaram familiares, especialmente os filhos, para participarem. Nesse sentido, acabou por haver um incremento da participação de jovens no processo, o que contribuiu para promover o diálogo e a interação entre as gerações no âmbito dessa prática cultural da comunidade. O reconhecimento do território e a valorização dos saberes locais puderam ser assim estimulados.



Construção dos mapas localizando as plantas medicinais no território

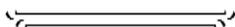


Igreja Congregação Cristã no Brasil na agrovila



Agrovila

Experiências de saúde/doença entre idosos



Muitos concordariam que podemos considerar os idosos como os mais sábios dentre nós. São detentores de um vasto conhecimento, pois são mais “vividos” e possuem maior experiência quanto à cultura e ao modo de vida de sua comunidade, sendo responsáveis por compartilhar tais conhecimentos com as próximas gerações. Essa percepção se aplica à comunidade quilombola do Paiol. Nela, os idosos são muito respeitados por possuírem, em sua bagagem, informações sobre a cultura e sobre as práticas tradicionais. Dentre essas práticas destaca-se o manuseio de plantas medicinais para o tratamento de doenças. Isso só é possível na comunidade devido à diversidade de plantas encontradas no território e aos saberes dos idosos quanto às suas serventias.

Partindo desse ponto, o Projeto desenvolveu uma ação envolvendo a compilação de informações sobre as experiências de saúde/doença dos idosos do Paiol. Essas informações aprofundam nossos conhecimentos sobre a realidade da comunidade, com destaque para as dimensões da saúde e para os modos de ser e viver de seus membros mais velhos. Além disso, as informações obtidas também fornecem elementos para uma reflexão sobre as dificuldades de acesso às unidades de atendimento e aos tratamentos de saúde enfrentadas pela comunidade.

Para o desenvolvimento desta ação foram realizadas entrevistas. A maioria dos entrevistados estava ligada por laços de parentesco, pois são filhos dos primeiros moradores

da comunidade, o que também os fez responsáveis pela constituição do território. Essa ancestralidade e a convivência no mesmo território podem ter influenciado nas semelhanças entre as práticas e experiências relatadas por eles. Os idosos descreveram quase sempre as mesmas doenças, formas de tratamento e modos de vida.

As experiências do passado

As principais doenças citadas nas entrevistas foram a “malina”, “doença da terra quente” e a “chagas”, “doença do coração”, consideradas mais perigosas e mortais. A “chagas”, doença que provocou várias mortes entre os moradores, era transmitida pelo mosquito barbeiro, comum no passado devido à proliferação do inseto nas casas de pau a pique, que a ele forneciam um esconderijo perfeito.

O tratamento de todas as doenças era feito, predominantemente, à base de remédios “do mato” e do consumo de animais silvestres. Dentre os mais descritos, estão: quina, calunga, semente de abóbora, canela de veado, lagartixa e tamanduá mirim. Esses tratamentos eram utilizados devido à sua eficácia e à ausência de acesso a outros tipos de medicamentos, uma vez que não havia farmácias e postos de saúde nas proximidades. O atendimento médico mais próximo era realizado no município de Grão Mogol, a aproximadamente 26 quilômetros da comunidade, sendo necessário percorrer essa distância a pé, devido à falta de transportes e de estradas.

As dificuldades para locomoção e acesso a tratamentos médicos permearam a infância e grande parte da vida adulta desses moradores. Nesse período, relativo aos anos de 1930 até 1990, a falta de recursos financeiros também impedia esses moradores, agora idosos, de comprar medicamentos e pagar pelos tratamentos de saúde. Em seus relatos descreveram as condições precárias em que viviam quando crianças e como utilizaram, para tratar seus filhos, os mesmos remédios que aprenderam com seus pais, já que não tinham como arcar com um tratamento diferente. Com isso, o saber transmitido de pai para filho era essencial para o cuidado com a saúde e para a reprodução de uma prática cultural característica de toda uma geração.

Para os entrevistados, ao longo da vida o cuidado com a própria saúde não era prioridade, pois durante a fase adulta suas principais preocupações eram em cuidar dos filhos. Para tanto, trabalhavam principalmente em garimpos e na roça com o manuseio da terra. Para a venda de suas mercadorias, ou seja, de seus cultivos, era preciso percorrer a pé vários quilômetros com “*sacos na cabeça*”, onde eram levados a farinha de mandioca e os demais provenientes das colheitas. Por conta disso, muitos afirmaram que as enfermidades que possuem na atualidade são decorrentes do trabalho braçal a que se sujeitaram nesse período e às muitas horas de exposição ao sol sem proteção alguma.

Mudanças recentes

Os idosos lembraram que foram várias as mudanças ocorridas ao longo de suas vidas. Muitas delas benéficas para todos os membros da comunidade, tais como a construção de estradas, de escola e de posto de saúde no território. Com esse avanço, que se iniciou a partir dos anos de 1990 e que foi se intensificando gradativamente, todos puderam acessar mais facilmente as instituições de saúde. A partir disso foram sendo modificadas as tradições quanto às formas de tratamento das doenças, pois, quando adoeciam, passaram a buscar mais a orientação médica do que a prática da automedicação com plantas medicinais. Especialmente a realização dos exames laboratoriais e a precisão dos diagnósticos, que contribuíram para o aumento da expectativa de vida entre os moradores, convenceram-lhes que as consultas médicas se caracterizavam como melhor opção de tratamento.

Os moradores mais velhos da comunidade relataram também que a redução do uso das plantas medicinais é mais intensa na atualidade, principalmente devido à preferência pela compra dos remédios farmacêuticos. Afirmaram que a melhora da condição financeira, proveniente da aquisição da aposentadoria, os possibilita pagar por tratamentos e medicamentos mais eficazes. Contudo, muitos relataram que, apesar da diminuição, ainda consomem os “*remédios do mato*”, pois, segundo disseram, para algumas doenças esse tipo de tratamento é mais eficiente.

A importância dos idosos para a comunidade

Conversar com os membros mais velhos da comunidade do Paiol sobre suas experiências de saúde/doença e registrar seus saberes quanto às formas de tratamento que praticavam foi uma maneira de reconhecer a importância desses sujeitos para seu território. Além disso, conhecer mais sobre esses saberes próprios à comunidade e promover sua divulgação é oportuno para que haja maior valorização das experiências dos mais velhos.

A consideração para com seus anciões é forte na comunidade e representa o respeito por quem foi responsável pela constituição do território. Os idosos são como guardiões da história, fontes de sabedoria, considerados, também, símbolos de autoridade. A eles é incumbida a missão de repassar conhecimentos, transmitindo sua herança cultural e sustentando a identidade da comunidade.

Retorno para a comunidade

Para finalizar esta ação do Projeto e oferecer um retorno tanto para as pessoas que dela participaram diretamente quanto para os demais moradores da comunidade, foi construído um mural na sede da Associação Quilombola. Neste mural foram reunidas algumas fotos que de certa forma eternizaram os momentos de prosa entre os participantes do Projeto e as pessoas mais idosas do território. Foram também expostas fotos em que os moradores posavam próximos a objetos que consideram importantes para a compreensão de suas identidades e realidades. Além das fotos, o mural também continha uma representação gráfica, feita em cartolina, que sistematizava as informações coletadas durante todo o desenvolvimento da ação.

Essa representação consistia no desenho de uma grande árvore, com tronco robusto e cheia de folhas em seus galhos. Ao seu redor também havia folhas no solo e outras suspensas no ar, como se tivessem acabado de se soltar dos galhos. Cada situação das folhas representava uma fase da vida dos idosos entrevistados. As folhas no solo simbolizavam a fase da infância, passada há muito tempo, e nelas foram escritos os nomes das doenças que assolavam os moradores

quando ainda eram crianças. As folhas ainda suspensas no ar simbolizavam uma fase considerada intermediária, e nelas foram escritos os nomes das doenças que afligiam os moradores quando adultos. As folhas ainda fixadas nos galhos simbolizavam a fase em que se encontram na atualidade, e nelas foram escritos os nomes das doenças com as quais têm que lidar agora que são idosos. Como podemos considerar o tronco um órgão vegetal essencial no transporte dos nutrientes até as folhas da árvore, nele foram escritos os nomes das inúmeras plantas utilizadas pelos moradores para o tratamento e prevenção das doenças.



Representação gráfica das informações sobre experiências de saúde/doença

Tanto a representação quanto as fotos causaram comoção nos moradores da comunidade que compareceram à reunião da Associação em que foi apresentado o mural. Aproximadamente 30 pessoas estavam presentes e todos foram convidados a olhar o mural e se atentar não só às fotografias, mas também às informações subtendidas na ilustração.

Vários comentários foram surgindo enquanto as pessoas visualizavam o mural. Dentre eles a sugestão de que seria interessante construir um mural com fotos dos moradores que já faleceram, mas que possuem grande significado e importância para a comunidade por terem sido

protagonistas da constituição e formação do território. Tal tipo de comentário demonstra como uma ação direcionada para o reconhecimento e valorização da realidade da comunidade estimula o surgimento de outras com preocupações semelhantes.





Moradores observam mural construído na sede da Associação Quilombola

Na reunião estavam presentes alguns idosos que haviam sido entrevistados. Foi interessante que não se atentaram muito às suas próprias fotos, mas sim às de seus familiares, vizinhos, compadres e comadres. Reconheceram objetos utilizados por seus amigos e a familiaridade com tais utensílios, segundo eles, é devida à convivência quando ainda eram jovens e frequentemente se visitavam. Com o passar do tempo essa prática foi sendo reduzida, porém se recordam com carinho e melancolia dos tempos passados, das risadas compartilhadas e das trocas de experiências.

O mural, apesar de simples, foi muito elogiado e com isso pudemos perceber que os moradores do Paiol têm o desejo de preservar sua história e a memória dos seus antepassados. Esse é um desejo explicitado principalmente pelos moradores mais velhos, que relatam o desinteresse dos jovens da comunidade em aprender seus costumes, crenças, e tradições. Impõe-se assim o desafio de divulgar os saberes próprios do território ao mesmo tempo em que se envolve os jovens nesse processo, mostrando-lhes a importância da valorização desses saberes.

Retorno para os entrevistados

Como forma de demonstrar a gratidão do Projeto aos idosos que colaboraram concedendo entrevistas sobre suas experiências de saúde/doença, a eles foi entregue uma pequena lembrancinha. Esta continha uma fotografia de cada um deles, feita no momento da entrevista. No verso da fotografia foi afixado um breve relato do encontro dos participantes do Projeto com eles. Esperamos que estes momentos tenham sido tão gratificantes e importantes para os idosos do Paiol quanto foram para nós.



Lembrancinha entregue aos idosos

Senhor Oscar e Senhora Maria Zilda



No dia 03 de abril de 2019, Anne Karine e Alessandra realizaram uma visita à casa do senhor Oscar e da senhora Maria Zilda Cardoso Pereira com o objetivo de conversar com o casal sobre suas experiências de saúde/doença no decorrer da vida. A conversa ocorreu no fim da tarde de um dia ensolarado, na cozinha, próximo ao fogão de lenha, acompanhada do aroma de mandioca cozida. A prosa começou com a senhora Zilda, pois seu marido estava trabalhando na roça. Mas ele logo chegou e participou do diálogo. O casal, extrovertido e carismático, expressou certa saudade ao relembrar o passado e perceber o quanto suas vidas mudaram. Participar desse momento possibilitou conhecer, além da sua história, as receitas de remédios caseiros que são próprias do casal e da comunidade.

Senhor Afonso e Senhora Apolinária (Pulu)



No dia 15 de março de 2019, Anne Karine esteve na casa do senhor Afonso e da senhora Apolinária (Pulu), seus avós e moradores mais velhos da comunidade Paiol. O principal objetivo da visita foi conversar sobre suas experiências de saúde/doença no decorrer da vida. A prosa aconteceu em família, já que além deles estavam presentes suas duas filhas, Darci e Noêmia. Juntos, todos relembrou o passado. O momento aconteceu onde chamam de “*casinha*”, local arejado em frente à casa, utilizado para fazer farinha e também para receber conhecidos. Durante a conversa foram várias as risadas ao lembrar os tratamentos exóticos que eram utilizados antigamente. Essa experiência trouxe grande aprendizado. Como neta, o conhecimento adquirido pode contribuir para a vivificação da cultura, passada de geração em geração. Já enquanto estudante, foi possível compreender as medidas extremas tomadas pelos camponeses no ato de resistência e de sobrevivência.

Senhor Milton



No dia 19 de março de 2019, Anne Karine e Alessandra estiveram na casa do senhor Milton. Ele estava chegando do trabalho, cansado, mas mesmo assim se dispôs a conversar sobre suas experiências de saúde/doença no decorrer da vida. A conversa começou na sala de sua casa e se estendeu para a cozinha, acompanhada de suco e de um bolo delicioso. Durante a prosa foram lembrados os tempos passados e o modo de vida dos povos da comunidade, enfatizando como a temência a Deus mudou sua vida. Através desse diálogo foi possível aprender sobre os benefícios de algumas plantas medicinais e sobre a importância do uso dessas pelos moradores nos tempos passados, uma vez que nesse período era difícil o acesso a outros tipos de medicamentos.

Senhor José Francisco



No dia 19 de março de 2019, Anne Karine e Alessandra estiveram na casa do senhor José Francisco. O objetivo era conversar sobre suas experiências de saúde/doença no decorrer da vida. A prosa aconteceu na cozinha de sua casa, onde foram lembrados os percalços que ocorreram durante sua trajetória de vida. Também estava presente sua esposa, a Senhora Orita, que contribuiu no diálogo com informações sobre suas vivências. Foi uma conversa entre família e que trouxe grande reflexão sobre os problemas sociais enfrentados ao longo do tempo. Com essa experiência foi possível perceber como o homem do campo é acolhedor e detentor de um vasto conhecimento que o caracteriza e que lhe possibilita usufruir dos recursos naturais para tratamento e cura de doenças.

Senhor Eduardo e Senhora Ana



No dia 03 de abril de 2019, Anne Karine e Alessandra estiveram na casa do senhor Eduardo e da senhora Ana. O objetivo era conversar sobre suas experiências de saúde/doença no decorrer da vida. A conversa, prosa em família, aconteceu na sala da casa. Lá eram visíveis fotos que eternizam fatos e momentos que marcaram a história do casal e de sua família. O diálogo transcorreu de forma descontraída e alegre, pois reviveram períodos de suas vidas identificando as mudanças benéficas que ocorreram nesse tempo. Participar e contribuir para esse momento foi, além de essencial, necessário para o reconhecimento e divulgação dos saberes próprios à comunidade.

Senhor Eliseu e Senhora Elisabeth



No dia 19 de março de 2019, Anne Karine e Alessandra estiveram na casa do senhor Eliseu e da senhora Elisabeth. O objetivo era conversar sobre suas experiências de saúde/doença no decorrer da vida. A conversa ocorreu no aconchego da cozinha doméstica. Diante de toda simplicidade, o casal relembrou as dificuldades em tratar as doenças antigamente e como as plantas medicinais foram o único recurso utilizado para os tratamentos. O casal foi hospitaleiro e aceitou contar sobre sua história, expondo seus sentimentos em relação às mudanças que ocorreram ao longo de suas vidas. Participar e contribuir para esse momento foi, além de essencial, necessário para o reconhecimento e divulgação dos saberes próprios à comunidade.

Senhor Silvino



No dia 03 de abril de 2019, Anne Karine e Alessandra estiveram na casa do senhor Silvino. O objetivo era conversar sobre suas experiências de saúde/doença no decorrer da vida. O senhor Silvino, ainda que com certa timidez, relembrou algumas doenças e formas de tratamento utilizadas durante sua infância, juventude, fase adulta e velhice. A conversa ocorreu na sala, ambiente que retrata muito bem o passado do povo do campo. Sendo a casa de adobe, o piso era de terra e a cama de vara. Esse diálogo possibilitou compreender que certas pessoas têm dificuldade em lembrar o passado, principalmente se forem idosas. Também contribuiu para identificar que ainda há membros da comunidade que mantêm suas raízes firmadas, não deixando a modernidade modificar sua essência.

Senhor Zacarias



No dia 17 de março de 2019, Valdinéia visitou a casa do senhor Zacarias. Casado, aposentado, rico em saberes e conhecimentos tradicionais. O objetivo da visita era conversar sobre suas experiências de saúde/doença no decorrer da vida. A conversa possibilitou conhecer um pouco mais sobre as inúmeras plantas medicinais que existem na comunidade e que podem ser utilizadas no tratamento de doenças. Essa experiência também permitiu o reconhecimento da importância de se valorizar as práticas tradicionais da comunidade, uma vez que são essas que caracterizam o povo desse território.

Senhora Vanda



No dia 31 de março de 2019, Valdinéia visitou Vanda Pereira dos Santos, uma senhora que contribuiu muito para a comunidade. O objetivo da visita era conversar sobre suas experiências de saúde/doença no decorrer da vida. A conversa que se estabeleceu possibilitou o conhecimento sobre as doenças existentes no passado e no presente da comunidade, além das diversas formas de tratamento utilizadas para a cura das enfermidades. Essa experiência contribuiu tanto para a formação acadêmica quanto para o crescimento pessoal, já que ao foi possível compreender a importância de se valorizar esses saberes.



Centro da agrovila

10 objetos significativos



Uma das características mais marcantes de comunidades tradicionais, principalmente quilombolas, é a história de luta e resistência. No passado, na luta pela liberdade. Atualmente, ainda na resistência à aculturação e manutenção do território. O que particulariza cada comunidade, além da identidade própria do seu povo, são suas práticas culturais. No Paiol por exemplo, comidas típicas, técnicas de manejo com a terra, artesanato, produção de farinha, dentre outras práticas. Vinculado a essas práticas estão diversos objetos culturais igualmente importantes para a comunidade.

Partindo disso, pensamos no desenvolvimento de uma ação voltada para a identificação e descrição desses objetos tão significativos para a cultura local. A ideia era que os moradores da comunidade apontassem 7 objetos importantes no passado e 3 importantes no presente. O público alvo escolhido para essa ação foram os jovens moradores do território. O motivo dessa escolha baseia-se principalmente no fácil acesso que esse grupo tem ao uso da internet e redes sociais. No atual cenário pandêmico essa acessibilidade é muito importante para que as atividades sejam desenvolvidas sem a quebra do isolamento social e sem colocar em risco a vida dos envolvidos nas ações.

Além disso o desenvolvimento desta ação é uma forma de propor aos jovens a oportunidade de conhecer melhor a cultura de seu povo e a importância dela na construção da identidade coletiva da comunidade. A rede social utilizada para facilitar a comunicação com o grupo de envolvidos na

ação foi o Whatsapp, onde foi criado um grupo e adicionados 13 jovens que se dispuseram a contribuir com as atividades. Deste total de jovens apenas 9 participaram ativamente da ação. A proposta era que cada jovem enviasse no grupo do Whatsaap uma lista contendo os 10 objetos que consideravam mais significativos para a comunidade, um breve relato de porque os consideravam importantes e também fotos que documentassem a aparência dos objetos. A partir das 9 listas enviadas foi feita uma seleção dos objetos que constituiriam uma única lista final. Para esta seleção foram atribuídos valores aos objetos escolhidos pelos jovens de forma decrescente: o primeiro objeto de cada lista teria o valor de 10 pontos e o último o valor de 1 ponto. Depois foi feita a soma dos valores atribuídos a cada item listado e os 10 com maior pontuação constituíram a lista final.

Dentre os objetos mais citados pelos jovens estão o fogão a lenha, o escassador, o pilão, os rios Soberbo e Contendas, o pote de barro, a casa de pau a pique, o forno de torrar farinha, a escola, a associação e a igreja. Sendo esses três últimos supracitados, considerados importantes na atualidade, enquanto os demais foram escolhidos como significativos no passado. A seguir são apresentados todos estes objetos:

Fogão a lenha



Construídos a partir de varas e barras, os fogões a lenha eram/são essenciais para a vida no campo. Utilizado principalmente pelas mulheres, costuma ser acendido pelas manhãs para fazer um café fresquinho, bebida favorita que desperta para a jornada de trabalho diário. Uma particularidade sobre esse objeto é que até mesmo os moradores que migraram para a cidade, como forma de levarem consigo um pouquinho da cultura da roça, constroem em seus quintais um fogão, onde preparam, principalmente nos finais de semana comidas como, frango caipira, feijoada e arroz de pilão. Pratos típicos da sua comunidade que os fazem relembrar suas raízes.

Escassador



Utilizado para moer a cana de açúcar, o Escassador é uma engenhoca construída a partir da madeira, sendo composto por duas virgens (peças de madeira fincadas no chão), duas moendas, e as grimas (peças utilizadas para mover a moenda). Muito utilizado no passado para extrair a garapa, um líquido adocicado com o qual era feita a rapadura, o melaço e o café. Entretanto, na atualidade é um objeto raro, encontrado apenas nas casas dos moradores mais antigos.

Pilão



Extremamente utilizado no passado, mas ainda comum no presente, o pilão é um objeto com muitas funcionalidades. Usado para quebrar milho, tirar pó de corante, fazer paçoca de amendoim, limpar o milho para fazer canjica, socar o coco para fazer sabão e também gordura, fazer paçoca de carne e socar mamona para fazer azeite. As principais madeiras utilizadas para sua confecção são o monjol, o maçambé e a peroba.

Rios Soberbo e Contendas



Muito importantes no passado, os rios Soberbo e Contendas eram a principal fonte de água e renda para a comunidade. Utilizados para o consumo, pesca, garimpo de pedras preciosas, irrigação de hortas, lavar roupas e vasilhas, lazer, dentre outras atividades. Apesar de essenciais para subsistência dos moradores e dos animais, no presente permanecem com volume consideravelmente baixo na maior parte do ano.

Pote de barro



Construído artesanalmente a partir da argila, o pote foi extremamente importante no passado para armazenamento da água e conservação de sua temperatura para o consumo. Além disso era comumente utilizado para o transporte de água dos rios até as residências dos moradores. Hoje em dia perderam espaço para os filtros e geladeiras, se tornando relíquias.

Casa de pau a pique



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_a_pique

Morada de quase todos os moradores da comunidade em um passado distante, a casa de pau a pique traz recordações de uma época difícil, privada de conforto e bem estar. Erguidas com madeira, barro e palha, as construções precisavam periodicamente de reparos, uma vez que agentes como chuvas, cupins e ventos deterioravam rapidamente sua estrutura. Por esses motivos os relatos dos habitantes são de lamento, visto que essa lembrança remete a um período de sofrimento.

Forno de torrar farinha



Além de servir para torrar as farinhas de mandioca e de milho, o forno era e é utilizado para fazer beijus de goma e mané pelado (bolo de fubá na palha da bananeira). Feito com pedra e barro (antes), tijolo e pedra (hoje), e aquecido com lenha, sempre foi considerado um objeto importante e simbólico. Parte da sua importância, principalmente no passado, se dava na obtenção de renda a partir da comercialização da farinha.

Associação Quilombola



Entidade fundada em 2007, com o objetivo de organizar os moradores em prol de direitos, a Associação Quilombola é uma importante conquista para a comunidade. De dois em dois meses reúne quase todos os remanescentes para discutir projetos, repassar informações e ouvir as demandas do povo. Busca também preservar a cultura local e incentiva a valorização do território e identidade quilombola.

Escola Municipal XV de Novembro



No passado, uma das maiores dificuldades enfrentadas pela comunidade para estudar era a grande distância a ser percorrida até a escola mais próxima, cerca de 9 quilômetros. Com a construção da escola foi possível que as crianças fossem alfabetizadas em sua própria comunidade. Porém, atualmente a escola corre o risco de ser fechada por conta da pouca demanda de estudantes. Se fechada as poucas crianças que necessitam do ensino serão obrigadas a passar um longo tempo nos ônibus no trajeto até a cidade. Além disso, em tempos chuvosos as estradas ficam intransitáveis impedindo que esses frequentem a escola. Tudo isso compromete o processo de ensino e aprendizagem desses estudantes.

Igreja



Símbolo da religiosidade na comunidade, a igreja é um templo onde grande parte dos moradores se reúnem periodicamente para louvar a Deus e fortalecer sua fé. Sempre atrai fiéis que buscam agradecer pelas bênçãos e testemunhar sobre elas. Apesar de possuir apenas um templo físico, Congregação Cristã no Brasil, há na comunidade fiéis católicos que se reúnem no prédio de uma associação para as missas, cultos e novenas.

O que esses objetos nos dizem sobre a comunidade

Todos esses objetos fazem parte da história da comunidade e possuem um valor especial para cada morador que, quando criança, jovem, adulto ou idoso, interagiu ou observou a interação dos seus pais e avós com eles. Percebe-se que os escolhidos como importantes no passado são objetos materiais, enquanto os escolhidos como significativos no presente são mais relacionados com um vínculo social. Uma possível explicação para isso é o fato de que o passado dos moradores foram muito marcados pela falta de condições financeiras e pela utilização da agricultura familiar como meio de subsistência. Por isso objetos como o forno de fazer farinha, o pilão e o escassador foram muito citados, uma vez que utilizados para o manejo dos produtos cultivados nas lavouras.

A Associação Quilombola, a igreja e a escola foram conquistas mais atuais da comunidade, e a escolhas destes como objetos significativos tem muita relação com o vínculo que os moradores desenvolveram com essas entidades, tanto na luta pela legitimação de direitos como por uma educação de qualidade. A igreja neste cenário se configura como um templo onde os moradores se sentem mais próximos de Deus e podem pedir e agradecer. Tudo isso é de suma importância para entender a história da comunidade, pois, afinal, conhecendo esses objetos considerados tão importantes também estamos conhecendo um pouco da história desse povo.

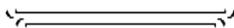


Campo de futebol



Sede da Associação dos Pequenos Produtores do Médio,
Soberbo e Barreiras

Cultura quilombola na escola



O Paiol é uma comunidade quilombola, reconhecida pela Fundação Cultural Palmares. Esse reconhecimento é motivo de orgulho para seus membros, pois valoriza a história de luta de seus antepassados. Dentre as diversas práticas culturais presentes na comunidade ligadas à origem quilombola pode-se destacar a capoeira, as cantigas de roda, os causos, a produção de farinha de mandioca, o manuseio da terra, a feijoada e o artesanato. É importante mencionar que essas e outras práticas culturais tradicionais são essenciais na construção da identidade da comunidade. No entanto, fato que tem entristecido parte de seus membros é que muitas vezes a cultura do Paiol vem sendo modificada e tem ocorrido seu enfraquecimento. Em boa medida isso se deve à desmotivação dos jovens em se apropriar dessa cultura e em fortalecer os laços afetivos com seu território.

Buscando modificar esse cenário, combatendo tal desmotivação, o Projeto desenvolveu uma ação na Escola Municipal XV de Novembro, localizada na agrovila da comunidade e que oferece o Ensino Fundamental em regime multisseriado. Desse modo, o público desta ação foram crianças com idade entre oito e onze anos. O objetivo principal foi proporcionar aos estudantes da escola a oportunidade de aprender sobre aspectos relevantes da cultura quilombola, enfatizando o reconhecimento e a apropriação dessa cultura.

Primeira visita

As atividades foram divididas em dois momentos de visita à escola. O intuito da primeira visita foi explicar um

pouco sobre a cultura quilombola para os estudantes. Para isso foram utilizados dois vídeos: “500 anos: O Brasil - dos Grilhões ao Quilombo” e “Os Africanos - Raízes do Brasil”. Tendo em vista que não é possível entender o presente sem resgatarmos o passado, nos vídeos era retratada a história de luta e resistência dos negros durante a escravidão e também mostrados alguns dos elementos da cultura desse povo.



Crianças assistem aos vídeos durante a atividade

Após a reprodução dos vídeos foi realizado um momento de conversa para que os estudantes expressassem seus sentimentos, vivências e o que sabiam sobre a cultura negra e quilombola. Eles demonstraram contentamento por estarem descobrindo fatos sobre a cultura negra e quilombola. No entanto, as informações trazidas pelos vídeos despertaram muitos sentimentos negativos, tais como os de pena, medo, e revolta. Infelizmente tais sentimentos não são novidades quando relembramos o sofrimento dos negros e é a partir deles que inicia o desejo de fazer diferente e de estimular as pessoas a respeitar o próximo e a valorizar a grande diversidade de etnias que o mundo possui.

Percebeu-se claramente que as crianças já possuíam conhecimentos sobre a temática quilombola. Porém, notou-se que esses conhecimentos poderiam ser ainda mais ampliados, uma vez que não sabiam, por exemplo, porque o Paiol era reconhecida como uma comunidade quilombola. Diante disso optamos por contar a história da comunidade de forma simples e lúdica. Relatar essa história foi emocionante, pois relembramos a luta e resistência dos antepassados que permitiram a sobrevivência das próximas gerações – gerações essas que estavam naquele momento buscando estratégias para garantir a continuidade de suas práticas culturais.

Na sequência foi realizada a leitura de três histórias do livro “Estórias Quilombolas”⁶. Contá-las foi também um meio de levar para a escola um pouco da tradição de outras comunidades quilombolas, mostrando aos estudantes a diversidade da cultura dos negros e negras quilombolas. Os estudantes gostaram tanto das histórias que quiseram encenar uma delas. A história escolhida por eles foi “A assombração da Gema da Bahia”. Interessante observar que as crianças se identificaram com o caso contado, pois na comunidade já ouviram falar sobre fantasmas e cavalos. Logo, ao encenarem o teatro narrado o aprendizado ocorreu com muita diversão, todos se divertiram e aprenderam brincando.

⁶ MOURA, Glória (org.). **Estórias Quilombolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade, 2010. 98p.

Algo que também é característico da cultura quilombola são as brincadeiras de origem afro-brasileira. Para manter a ludicidade e também continuar apresentando a cultura quilombola e sua presença na comunidade, foi então realizada com as crianças uma brincadeira que tem o nome de “pegue o bastão”. De origem africana, a brincadeira consiste na formação de um círculo em que todos os jogadores devem portar um bastão – nesta oportunidade, foram usados cabos de vassoura. Os estudantes deveriam manter seus bastões à sua frente em posição vertical e com a ponta no chão. Quando alguém gritasse “direita” ou “esquerda” os jogadores deveriam deixar seus bastões equilibrados em pé e pegar o próximo da direção solicitada. A ideia era não deixar que o bastão caísse no chão. Quem deixasse cair perderia e sairia da brincadeira.



Estudantes brincando de “pegue o bastão”

O momento foi apreciado por todos os estudantes, que até então não conheciam a brincadeira. Felizmente, tudo indica que se identificaram, pois declararam que continuariam praticando-a. Observar a interação dos estudantes produziu um forte misto de emoção e satisfação, por saber que a partir daquela ação as crianças teriam uma nova opção de brincadeira que valoriza sua própria cultura.

Segunda visita

Ao final da primeira visita à escola solicitamos aos estudantes que pedissem aos seus pais e familiares que lhes contassem uma história da comunidade. A proposta era que na próxima visita essas histórias fossem compartilhadas, elevando assim os conhecimentos de todos sobre o passado da comunidade. Outra tarefa dos estudantes seria produzir um alfabeto usando palavras relacionadas à cultura quilombola. Dessa vez a proposta era que na próxima visita as diferentes palavras fossem comparadas e selecionadas as mais interessantes para se compor um “alfabeto quilombola”.

Sendo assim, a segunda visita que realizamos à escola foi pautada por essas propostas. Entretanto, somente dois estudantes haviam recolhido histórias da comunidade. Além disso, os relatos coletados consistiam mais em descrições das dificuldades enfrentadas pelos escravos do que propriamente em histórias. Por isso decidimos reunir os aprendizados construídos durante as duas visitas e escrever juntos uma nova história que tivesse como característica a vida e a cultura dos quilombolas. Após amplo diálogo, com intensa participação das crianças, o resultado alcançado foi a seguinte história:

A luta de quatro amigos

Por João Felipe, Aline Cristina,
Kauã Gomes, Estéfany Kauane.

Era uma vez quatro amigos negros que viviam em uma fazenda. Eles eram escravizados por serem negros e os grandes fazendeiros achavam eles mais fortes para trabalhar. Muitas vezes eles eram tratados como animais sem direito algum. Por isso fugiram e formaram quilombos onde se sentiam livres. Nos quilombos trabalhavam socando arroz no pilão e milho para fazer fubá e angu. Ralavam mandioca no ralo para fazer farinha e torciam no pano a goma para fazer beiju. Quebravam coco no pilão de pedra e faziam feijoada. Com o passar do tempo formaram famílias e foram conquistando sua liberdade com luta e resistência.



Produção da história “A luta de quatro amigos”

A história foi sendo elaborada tendo como inspiração personagens que representavam os próprios estudantes. Assim, finalizada sua construção eles pediram para encená-la. Após alguns ensaios rápidos, fizeram uma linda apresentação, que reforçou de maneira significativa seus vínculos com os valores mobilizados pela atividade.

Foi ainda trabalhado com as crianças o alfabeto quilombola. Para a seleção das palavras foram apresentadas aquelas trazidas de casa pelos estudantes e outras foram lembradas no momento. Foram então promovidas reflexões acerca dos significados e simbologias suscitados por cada uma delas na contemporaneidade. As palavras escolhidas foram as seguintes: África, berimbau, capoeira, Dandara, escravidão, feijoada, guerreiras, herói, identidade, justiça, Kalimba, liberdade, moradia, negro, organização, pilão, quilombolas, resistência, senzala, tambor, união, vales, WhatsApp, Xangô, Yemanjá e Zumbi. Cada uma destas palavras representa e traz consigo o modo de vida, a cultura, tradição, identidade, luta e resistência do povo negro, quilombola e afrodescendente.⁷

Avaliando todas as atividades desenvolvidas, as vivências e os resultados alcançados, percebemos que através

⁷ Uma versão ilustrada desse alfabeto é apresentada no próximo capítulo do livro.

desta ação foi possível ensinar aos estudantes um pouco da cultura quilombola e também aprender com eles. A simplicidade e ludicidade foram aliadas no desenvolvimento das atividades, pois permitiram que as crianças se envolvessem e pudessem aprender brincando. Afinal, incentivar a valorização cultural é fazer com que as futuras gerações enxerguem esse processo não como uma obrigação, mas como algo natural, prazeroso e essencial para manter vivos os saberes e conhecimentos dos seus antepassados.



Curral de gado



Antiga casa construída com barro

Alfabeto quilombola



Nas páginas seguintes é apresentado o Alfabeto Quilombola produzido a partir da atividade realizada na Escola Municipal XV de Novembro, descrita no capítulo anterior.

Esperamos que esta produção possa ser usada pelos professores da comunidade do Paiol ou por outros de comunidades semelhantes. Além disso, esperamos, também, que este Alfabeto sirva de inspiração para a criação de outras iniciativas similares.

As imagens usadas no Alfabeto são, predominantemente, de integrantes da comunidade. As demais foram extraídas da *internet* ou obtidas junto a colaboradores. Para estes casos, suas fontes foram indicadas.

África

A

a



A

a

Fonte da imagem: <http://pt.dreamstime.com/animais-africanos-sobre-o-mapa-de-%C3%A1frica-safari-sunset-image115890398>

Berimbau

B

b



B

b

Autor: Geovane Máximo

Capoeira

C

c



C

c

Autor: Geovane Máximo

Dandara

D

d



D

d

Fonte da imagem: <http://amazoniareal.com.br/mensageira-de-dandara/>

Escravidão

E

e



E

e

Fonte da imagem:

<http://www.mensagenscomamor.com/mensagem/500510>

Feijoada

F

f



F

f

Fonte da imagem: <http://brasilbao.blogspot.com/2012/05/feijoada-mineira.html>

Guerreiras

G

g



G

g

Herói

H

h



H

h

Identidade

I i



I i

Justiça

J

j



J

j

Fonte da imagem:

<http://aprovaconcursos.com.br/noticias/2014/06/09/saiu-o-resultado-concurso-da-fundacao-cultural-palmares>

Kalimba

K

k



K

k

Fonte da imagem: <http://www.ancestral-art.com/p/kalimba-africa-ancestral.html?m=1>

Liberdade

L

l



L

l

Fonte da imagem: <http://pt.dreamstime.com/ilustra%C3%A7%C3%A3o-stok-quebrando-correntes-image999476069>

Moradia

M

m



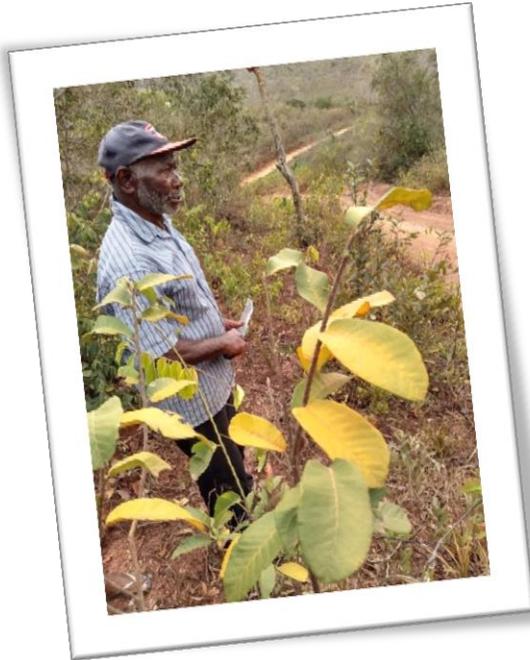
M

m

Negro

N

n



N

n

Organização

O

O



o

o

Pilão

P

P



P

P

Quilombolas

Q

q



Q

q

Resistência

R

r



R

r

Senzala

S

S



S

s

Fonte da imagem: <http://www.coisasdaroca.com/coisas-antigas-da-roca/senzala.html>

Tambor

T

t



T

t

Fonte da imagem: <http://www.omorodelaelae.com.br/artigos/artigo-mulheres-no-atabaque>

União

U

u



U

u

Vales

V

V



V

v

Fonte da imagem: <http://pt.dreamstime.com/fundo-paisagem-vale-dos-montes-com-rio-e-montanhas-no-vetor-liso-desenhos-animados-minimalistas-do-estilo-na-ilustra-o-lisa-image152770287>

WhatsApp

W

W



W

w

Fonte da imagem: <http://logodownload.org/whatsapp-logo>

Xangô

X

X



X

X

Fonte da imagem:
<http://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-xango>

Yemanjá

Y

y



Y

y

Fonte da imagem:

<http://www.portaldasmissoes.com.br/noticias/view/id/2808/yemanja-a-rainha-do-mar.html>.

Zumbi

Z

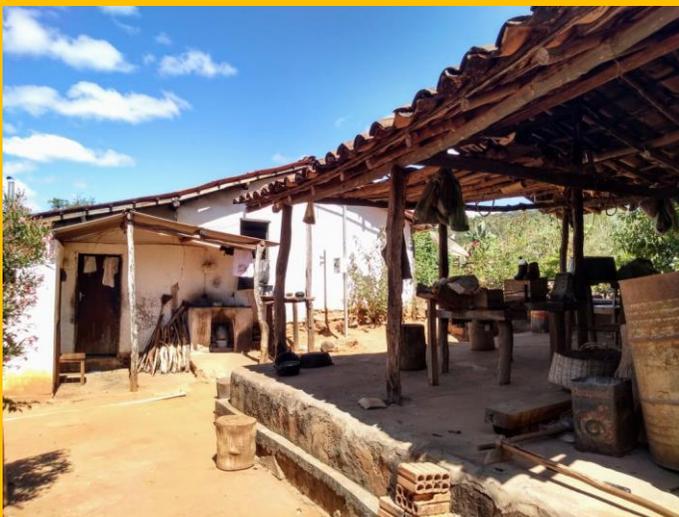
Z



Z

Z

Fonte da imagem: <http://www.todamateria.com.br/zumbi-dos-palmares>

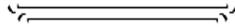


Quintal doméstico



Cafezinho

Os trabalhos das mulheres



Durante muito tempo o trabalho da mulher foi limitado aos afazeres de casa, onde deveria desempenhar a função de cuidar do lar, dos filhos e do marido. Nesse cenário, o homem era visto como aquele que deveria sustentar o lar. Com o passar do tempo várias mudanças ocorreram no sentido de desconstruir os diversos estereótipos que inferiorizavam o trabalho feminino e, sobretudo, restringia os espaços que poderiam ser ocupados por essas mulheres. Atualmente esse cenário mudou. Porém, são várias as barreiras que ainda precisam ser transpostas para que as mulheres ocupem mais espaços e tenham seu trabalho valorizado.

Quando nos perguntam se conhecemos mulheres fortes, quase sempre nos lembramos de nossas mães, avós, tias e às vezes até mesmo de alguma famosa que já tenha contado sua história de vida na TV ou na *internet*. Ser uma mulher forte para alguns é ter sido capaz de abdicar de algo importante por um bem maior como a família. Para outros é ter que trabalhar uma jornada tripla para conseguir sustentar os filhos. Para outrem é resistir com garra aos diversos desafios encontrados durante a vida. Todas essas visões estão corretas, mas existem muitos mais fatores que fazem de uma mulher forte e resistente. Ser forte no campo, por exemplo, é ter a coragem de se reconhecer mulher, sujeito do campo e, no caso da comunidade do Paiol, também é se reconhecer como remanescente quilombola e ter orgulho de suas raízes.

A matriarca do Paiol foi uma mulher negra, filha de descendentes quilombolas, trabalhadora e sem estudos. Viveu até os últimos dias de sua vida *no* e *do* campo. Suas filhas,

netas e sobrinhas são quem dão continuidade ao seu legado e oferecem um charme único à comunidade. Para compreender esse universo feminino e qual a visão dessas mulheres sobre a importância de seus trabalhos dentro e fora de casa, demos início a uma ação que consistia basicamente no preenchimento de agendas de um dia comum de trabalho. A princípio convidamos dez mulheres, todas oriundas do Paiol, a preencherem essa agenda. Dentre elas, oito que atualmente estavam morando na comunidade e duas que estavam morando na cidade. A definição dessa proporção foi baseada no percentual de mulheres que vivem nesses dois locais.

Essa ação do Projeto foi concebida com o objetivo de resgatar a importância da mulher e de seu trabalho. Almejou-se também despertar uma visão crítica nas mulheres para que elas próprias se valorizem e tenham orgulho de seu trabalho, seja ele qual for. O dia em que seria preenchida a agenda ficou a critério das mulheres, sendo determinada somente uma data limite para que fossem entregues já preenchidas. Após alguns dias as recebemos e passamos a estudá-las.

O que encontramos nas agendas

Ler as agendas foi um exercício muito importante para compreender um pouco da realidade dessas mulheres e as atividades que praticam em seu dia a dia. Algumas informações foram mais fáceis de serem entendidas, pois estavam bem claras. Outras, por estarem subtendidas, precisaram de uma interpretação maior.

O fato de que a maioria das mulheres não chegou a completar o Ensino Fundamental foi uma das informações coletadas mais importantes. Eram seis, dentre as oito que moram na comunidade e que trabalham em casa. Também foi identificado que as mulheres que trabalham fora são aquelas mais jovens e com grau de escolaridade maior, ou seja, que tiveram maior oportunidade de estudar e cursar, além da educação básica, a de nível superior.

Um dado que exigiu maior reflexão foi quanto à percepção das mulheres sobre o que era ou não trabalho dentre as atividades praticadas por elas, tanto no campo como na cidade. Por essa razão, saber ler as agendas foi algo essencial. Mais do que isso, conhecer essas mulheres

pessoalmente fez com que fosse possível enxergar além do que realmente estava escrito naquelas linhas preenchidas. A escolha da maioria das mulheres foi em descrever os afazeres de um dia em que não estavam desempenhando apenas tarefas domésticas. Partindo disso pôde-se perceber que o trabalho doméstico não é considerado como trabalho de verdade não só pelos homens, mas até mesmo pelas mulheres.

A seguir são reproduzidas as dez agendas preenchidas pelas mulheres.

Nome: **Darci Pereira Borges**

Ano de nascimento: 1972

Profissão: trabalhadora rural

Escolaridade: ensino fundamental incompleto

| | |
|--------|---|
| 00h00m | Dormindo |
| 00h30m | Dormindo |
| 01h00m | Dormindo |
| 01h30m | Dormindo |
| 02h00m | Dormindo |
| 02h30m | Dormindo |
| 03h00m | Dormindo |
| 03h30m | Dormindo |
| 04h00m | Dormindo |
| 04h30m | Dormindo |
| 05h00m | Dormindo |
| 05h30m | Dormindo |
| 06h00m | Acordei, arrumei cozinha e preparei café |
| 06h30m | Cuidando dos porcos |
| 07h00m | Molhando a horta |
| 07h30m | Dando remédio para minha mãe |
| 08h00m | Pegando cinza para fazer sabão |
| 08h30m | Fazendo estilador para colocar a cinza |
| 09h00m | Socando coco para fazer sabão |
| 09h30m | Continuo socando coco |
| 10h00m | Fazendo almoço |
| 10h30m | Continuo fazendo almoço |
| 11h00m | Almoçando |
| 11h30m | Lendo um livro |
| 12h00m | Retirando a massa do coco para fazer o sabão |
| 12h30m | Colocando a cinza no estilador |
| 13h00m | Colocando água na cinza para fazer dicuada |
| 13h30m | Pegando lenha no mato |
| 14h00m | Colocando a massa do coco para cozinhar com a dicuada |
| 14h30m | Descansando e tirando uma soneca |
| 15h00m | Continuando a leitura do livro |
| 15h30m | Colocando mais água na cinza |
| 16h00m | Dando banho minha mãe |
| 16h30m | Lavando roupa |
| 17h00m | Molhando a horta |
| 17h30m | Cuidando dos porcos |
| 18h00m | Fazendo o jantar |
| 18h30m | Tomando banho |
| 19h00m | Jantando |
| 19h30m | Arrumando cozinha |
| 20h00m | Assistindo novela |
| 20h30m | Assistindo jornal |
| 21h00m | Vou dormir |
| 21h30m | Dormindo |
| 22h00m | Dormindo |
| 22h30m | Dormindo |
| 23h00m | Dormindo |
| 23h30m | Dormindo |

Nome: **Diene Borges Martins**
 Ano de nascimento: 1990
 Profissão: desempregada
 Escolaridade: ensino médio completo

| | |
|--------|----------------------------------|
| 00h00m | Dormindo |
| 00h30m | Dormindo |
| 01h00m | Dormindo |
| 01h30m | Mamá para a filha |
| 02h00m | Dormindo |
| 02h30m | Dormindo |
| 03h00m | Dormindo |
| 03h30m | Dormindo |
| 04h00m | Mamá para a filha |
| 04h30m | Dormindo |
| 05h00m | Dormindo |
| 05h30m | Dormindo |
| 06h00m | Levantei |
| 06h30m | Tomei café |
| 07h00m | Trocando a fralda da filha |
| 07h30m | Dando café da manhã para a filha |
| 08h00m | Arrumando a casa |
| 08h30m | Arrumando a casa |
| 09h00m | Arrumando a casa |
| 09h30m | Dando lanche para a filha |
| 10h00m | Arrumando a casa |
| 10h30m | Arrumando a casa |
| 11h00m | Preparei almoço |
| 11h30m | Dando almoço para a filha |
| 12h00m | Almoçando |
| 12h30m | Dando banho na filha |
| 13h00m | Mamá para a filha |
| 13h30m | Arrumando a cozinha |
| 14h00m | Continuo arrumando cozinha |
| 14h30m | Lavando roupa |
| 15h00m | Lavando roupa |
| 15h30m | Dando lanche para a filha |
| 16h00m | Cuidando da filha |
| 16h30m | Cuidando da filha |
| 17h00m | Preparando o jantar |
| 17h30m | Continuo preparando o jantar |
| 18h00m | Dando banho na filha |
| 18h30m | Dando janta para a filha |
| 19h00m | Tomando banho |
| 19h30m | Jantando |
| 20h00m | Mamá para a filha |
| 20h30m | Colocando a filha para dormir |
| 21h00m | Preparando para dormir |
| 21h30m | Dormindo |
| 22h00m | Dormindo |
| 22h30m | Dormindo |
| 23h00m | Dormindo |
| 23h30m | Dormindo |

Nome: **Leidimar Gomes da Costa**

Ano de nascimento: 1979

Profissão: trabalhadora rural

Escolaridade: ensino superior completo

| | |
|--------|--|
| 00h00m | Dormindo |
| 00h30m | Dormindo |
| 01h00m | Dormindo |
| 01h30m | Dormindo |
| 02h00m | Dormindo |
| 02h30m | Dormindo |
| 03h00m | Dormindo |
| 03h30m | Orando ao nosso Deus |
| 04h00m | Dormindo |
| 04h30m | Dormindo |
| 05h00m | Dormindo |
| 05h30m | Acordo |
| 06h00m | Preparando o café |
| 06h30m | Faço café e escovo os dentes |
| 07h00m | Cuidando dos cães |
| 07h30m | Cuidando das galinhas |
| 08h00m | Indo para o trabalho no sindicato |
| 08h30m | Trabalhando |
| 09h00m | Trabalhando |
| 09h30m | Trabalhando |
| 10h00m | Trabalhando |
| 10h30m | Trabalhando |
| 11h00m | Voltando para casa para fazer o almoço |
| 11h30m | Fazendo almoço |
| 12h00m | Almoçando |
| 12h30m | Descansando |
| 13h00m | Voltando para o trabalho no sindicato |
| 13h30m | Trabalhando |
| 14h00m | Trabalhando |
| 14h30m | Trabalhando |
| 15h00m | Trabalhando |
| 15h30m | Trabalhando |
| 16h00m | Trabalhando |
| 16h30m | Trabalhando |
| 17h00m | Voltando para casa |
| 17h30m | Lavando a louça |
| 18h00m | Arrumando a casa |
| 18h30m | Arrumando para ir para a igreja |
| 19h00m | Indo para a igreja |
| 19h30m | No culto |
| 20h00m | No culto |
| 20h30m | No culto |
| 21h00m | Saindo da igreja |
| 21h30m | Preparando para ir deitar |
| 22h00m | Namorando o esposo |
| 22h30m | Dormindo |
| 23h00m | Dormindo |
| 23h30m | Dormindo |

Nome: **Maria do Rosário Araújo Pereira**

Ano de nascimento: 1950

Profissão: lavradora

Escolaridade: ensino fundamental incompleto

| | |
|--------|--|
| 00h00m | Dormindo |
| 00h30m | Dormindo |
| 01h00m | Dormindo |
| 01h30m | Dormindo |
| 02h00m | Dormindo |
| 02h30m | Dormindo |
| 03h00m | Dormindo |
| 03h30m | Fazendo minha oração |
| 04h00m | Dormindo |
| 04h30m | Dormindo |
| 05h00m | Dormindo |
| 05h30m | Dormindo |
| 06h00m | Levanto vou ao banheiro e escovo os dentes |
| 06h30m | Preparando o café |
| 07h00m | Cuidando das galinhas e dos cães |
| 07h30m | Tomando café |
| 08h00m | Escolhendo feijão para cozinhar |
| 08h30m | Lavando vasilhas |
| 09h00m | Varrendo o quintal |
| 09h30m | Lavando roupa |
| 10h00m | Lavando roupa |
| 10h30m | Fazendo almoço |
| 11h00m | Fazendo almoço |
| 11h30m | Almoçando |
| 12h00m | Descansando |
| 12h30m | Descansando |
| 13h00m | Lavando vasilha |
| 13h30m | Fazendo quitanda |
| 14h00m | Fazendo café |
| 14h30m | Vou pra a roça arrancar feijão |
| 15h00m | Continuo na roça |
| 15h30m | Continuo na roça |
| 16h00m | Voltando para casa |
| 16h30m | Tomando banho |
| 17h00m | Começando a fazer a janta |
| 17h30m | Continuo fazendo janta |
| 18h00m | Jantando |
| 18h30m | Arrumando para ir ao culto |
| 19h00m | Indo para o culto |
| 19h30m | No culto |
| 20h00m | No culto |
| 20h30m | No culto |
| 21h00m | Chegando da igreja |
| 21h30m | Preparando para ir dormir |
| 22h00m | Dormindo |
| 22h30m | Dormindo |
| 23h00m | Dormindo |
| 23h30m | Dormindo |

Nome: **Maria Elza de Fatima Araújo**

Ano de nascimento: 1964

Profissão: lavradora

Escolaridade: ensino fundamental incompleto

| | |
|--------|--------------------------------------|
| 00h00m | Dormindo |
| 00h30m | Dormindo |
| 01h00m | Dormindo |
| 01h30m | Dormindo |
| 02h00m | Dormindo |
| 02h30m | Dormindo |
| 03h00m | Fazendo uma petição ao senhor |
| 03h30m | Terminando minha petição |
| 04h00m | Dormindo |
| 04h30m | Dormindo |
| 05h00m | Dormindo |
| 05h30m | Dormindo |
| 06h00m | Levanto e escovo os dentes |
| 06h30m | Fazendo café e cuidando das galinhas |
| 07h00m | Tomando café |
| 07h30m | Colocando feijão para cozinhar |
| 08h00m | Indo trabalhar na roça |
| 08h30m | Molhando a horta |
| 09h00m | Cuidando da horta |
| 09h30m | Cuidando da horta |
| 10h00m | Fazendo comida |
| 10h30m | Fazendo comida |
| 11h00m | Almoçando |
| 11h30m | Lavando as vasilhas do almoço |
| 12h00m | Descansando |
| 12h30m | Descansando |
| 13h00m | Voltando a trabalhar na horta |
| 13h30m | Cuidando da horta |
| 14h00m | Voltando para casa |
| 14h30m | Fazendo quitanda |
| 15h00m | Fazendo café |
| 15h30m | Tomando café |
| 16h00m | Apanhando milho |
| 16h30m | Carregando o milho para casa |
| 17h00m | Tomando banho |
| 17h30m | Fazendo janta |
| 18h00m | Jantando |
| 18h30m | Arrumando para ir ao culto |
| 19h00m | Indo para o culto |
| 19h30m | No culto |
| 20h00m | No culto |
| 20h30m | No culto |
| 21h00m | Saindo do culto |
| 21h30m | Chegando em casa |
| 22h00m | Indo dormir |
| 22h30m | Dormindo |
| 23h00m | Dormindo |
| 23h30m | Dormindo |

Nome: **Nelita Gomes Pereira**

Ano de nascimento: 1975

Profissão: dona de casa

Escolaridade: ensino fundamental incompleto

| | |
|--------|----------------------------------|
| 00h00m | Dormindo |
| 00h30m | Dormindo |
| 01h00m | Dormindo |
| 01h30m | Dormindo |
| 02h00m | Dormindo |
| 02h30m | Dormindo |
| 03h00m | Dormindo |
| 03h30m | Dormindo |
| 04h00m | Dormindo |
| 04h30m | Dormindo |
| 05h00m | Dormindo |
| 05h30m | Dormindo |
| 06h00m | Levantei e preparei meu café |
| 06h30m | Tomando meu café da manhã |
| 07h00m | Molhando a horta |
| 07h30m | Continuo molhando a horta |
| 08h00m | Pegando lenha |
| 08h30m | Continuo pegando lenha |
| 09h00m | Continuo pegando lenha |
| 09h30m | Continuo pegando lenha |
| 10h00m | Continuo pegando lenha |
| 10h30m | Chego e vou fazer almoço |
| 11h00m | Continuo fazendo almoço |
| 11h30m | Termino o almoço e almoço |
| 12h00m | Assistindo jornal |
| 12h30m | Continuo assistindo jornal |
| 13h00m | Arrumando cozinha |
| 13h30m | Arrumando a casa |
| 14h00m | Continuo arrumando a casa |
| 14h30m | Continuo arrumando a casa |
| 15h00m | Pegando coco |
| 15h30m | Continuo pegando coco |
| 16h00m | Quebrando o coco para fazer óleo |
| 16h30m | Continuo quebrando coco |
| 17h00m | Molho a horta de novo |
| 17h30m | Continuo molhando a horta |
| 18h00m | Tomando banho |
| 18h30m | Continuo tomado banho |
| 19h00m | Fazendo janta |
| 19h30m | Continuo fazendo janta |
| 20h00m | Jantando |
| 20h30m | Assistindo novela |
| 21h00m | Vou dormir |
| 21h30m | Dormindo |
| 22h00m | Dormindo |
| 22h30m | Dormindo |
| 23h00m | Dormindo |
| 23h30m | Dormindo |

Nome: **Noêmia Borges Pereira**

Ano de nascimento: 1970

Profissão: trabalhadora rural

Escolaridade: ensino fundamental incompleto

| | |
|--------|------------------------------------|
| 00h00m | Dormindo |
| 00h30m | Dormindo |
| 01h00m | Dormindo |
| 01h30m | Dormindo |
| 02h00m | Dormindo |
| 02h30m | Dormindo |
| 03h00m | Dormindo |
| 03h30m | Dormindo |
| 04h00m | Dormindo |
| 04h30m | Dormindo |
| 05h00m | Acordo e levanto |
| 05h30m | Fazendo café |
| 06h00m | Tomando café |
| 06h30m | Tratando das galinhas |
| 07h00m | Ligando a bomba do posto artesiano |
| 07h30m | Buscando lenha |
| 08h00m | Buscando lenha |
| 08h30m | Buscando lenha |
| 09h00m | Buscando lenha |
| 09h30m | Buscando lenha |
| 10h00m | Ligando a bomba do posto artesiano |
| 10h30m | Amassando roscas |
| 11h00m | Pesando as roscas |
| 11h30m | Pesando as roscas |
| 12h00m | Almoçando |
| 12h30m | Assando rosca |
| 13h00m | Amassando brevidade |
| 13h30m | Amassando brevidade |
| 14h00m | Assando brevidade |
| 14h30m | Amassando biscoito |
| 15h00m | Assando biscoitos |
| 15h30m | Assando biscoitos |
| 16h00m | Assando biscoitos |
| 16h30m | Embalando as roscas |
| 17h00m | Ligando a bomba do posto artesiano |
| 17h30m | Dando banho na mamãe |
| 18h00m | Embalando as brevidades |
| 18h30m | Embalando os biscoitos |
| 19h00m | Tomando banho |
| 19h30m | Jantando |
| 20h00m | Vendo TV |
| 20h30m | Vendo TV |
| 21h00m | Arrumando cozinha |
| 21h30m | Dormindo |
| 22h00m | Dormindo |
| 22h30m | Dormindo |
| 23h00m | Dormindo |
| 23h30m | Dormindo |

Nome: **Teresa de Fátima Xavier Costa**

Ano de nascimento: 1971

Profissão: lavradora

Escolaridade: ensino médio

| | |
|--------|--|
| 00h00m | Dormindo |
| 00h30m | Dormindo |
| 01h00m | Dormindo |
| 01h30m | Dormindo |
| 02h00m | Dormindo |
| 02h30m | Fazendo minha oração |
| 03h00m | Dormindo |
| 03h30m | Fazendo minha oração |
| 04h00m | Fazendo minha oração |
| 04h30m | Dormindo |
| 05h00m | Dormindo |
| 05h30m | Dormindo |
| 06h00m | Dormindo |
| 06h30m | Acordo |
| 07h00m | Faço minha oração |
| 07h30m | Dando remédio para a minha mãe |
| 08h00m | Cuidando da minha casa |
| 08h30m | Varrendo meu terreiro |
| 09h00m | Cuidando das criações |
| 09h30m | Lavando as louças |
| 10h00m | Fazendo almoço para a minha mãe |
| 10h30m | Dando almoço para a minha mãe |
| 11h00m | Fazendo meu almoço |
| 11h30m | Almoçando |
| 12h00m | Dando comida para os cães |
| 12h30m | Descansando |
| 13h00m | Descansando |
| 13h30m | Lavando a louça do almoço |
| 14h00m | Dando lanche da tarde para a minha mãe |
| 14h30m | Vou para a roça |
| 15h00m | Colocando feijão para cozinhar |
| 15h30m | Faço minha oração |
| 16h00m | Fazendo minha oração |
| 16h30m | Dou água para as criações |
| 17h00m | Dou banho na minha mãe |
| 17h30m | Faço a janta para a minha mãe |
| 18h00m | Dou medicação para a minha mãe |
| 18h30m | Fazendo minha janta |
| 19h00m | Dou janta para a minha mãe |
| 19h30m | No culto |
| 20h00m | No culto |
| 20h30m | No culto |
| 21h00m | Chegando da igreja |
| 21h30m | Aplicando injeção na minha mãe |
| 22h00m | Jantando |
| 22h30m | Fazendo uma pausa pós refeição |
| 23h00m | Vou dormir |
| 23h30m | Dormindo |

Nome: **Valdinéia Pereira dos Santos**

Ano de nascimento: 1985

Profissão: auxiliar administrativa

Escolaridade: ensino superior incompleto

| | |
|--------|---|
| 00h00m | Dormindo |
| 00h30m | Dormindo |
| 01h00m | Dormindo |
| 01h30m | Dormindo |
| 02h00m | Dormindo |
| 02h30m | Dormindo |
| 03h00m | Dormindo |
| 03h30m | Dormindo |
| 04h00m | Dormindo |
| 04h30m | Dormindo |
| 05h00m | Dormindo |
| 05h30m | Dormindo |
| 06h00m | Acordei e preparei café da manhã |
| 06h30m | Levando filho para a escola |
| 07h00m | Entrando no trabalho |
| 07h30m | Atendendo trabalhador rural |
| 08h00m | Montando processo de INSS |
| 08h30m | Escrevendo ata de reunião |
| 09h00m | Preparando reunião da prestação de contas do sindicato |
| 09h30m | Continuo preparando reunião da prestação de contas do sindicato |
| 10h00m | Atendendo trabalhador rural |
| 10h30m | Continuo atendendo trabalhador rural |
| 11h00m | Preparando almoço |
| 11h30m | Cuidando da casa |
| 12h00m | Almoçando com o filho |
| 12h30m | Descansando |
| 13h00m | Voltando para o trabalho |
| 13h30m | Montando processo |
| 14h00m | Continuo montando processo |
| 14h30m | Atendendo trabalhador rural |
| 15h00m | Fazendo a contabilidade |
| 15h30m | Continuo fazendo a contabilidade |
| 16h00m | Atendendo trabalhador rural |
| 16h30m | Conversando com a tesoureira do sindicato sobre o trabalho |
| 17h00m | Finalizando as atividades do trabalho |
| 17h30m | Preparando o jantar |
| 18h00m | Fazendo academia/crossfit |
| 18h30m | Fazendo academia/musculação |
| 19h00m | Fazendo academia/zumba |
| 19h30m | Voltando para casa |
| 20h00m | Estudando e fazendo trabalho |
| 20h30m | Continuo estudando |
| 21h00m | Lendo artigos para a faculdade |
| 21h30m | Passando roupa |
| 22h00m | Preparando o material do filho |
| 22h30m | Terminando de arrumar cozinha |
| 23h00m | Dormindo |
| 23h30m | Dormindo |

Nome: **Valdete Ferreira dos Santos**

Ano de nascimento: 1964

Profissão: trabalhadora rural

Escolaridade: ensino fundamental incompleto

| | |
|--------|--------------------------------|
| 00h00m | Dormindo |
| 00h30m | Dormindo |
| 01h00m | Dormindo |
| 01h30m | Dormindo |
| 02h00m | Dormindo |
| 02h30m | Dormindo |
| 03h00m | Dormindo |
| 03h30m | Dormindo |
| 04h00m | Dormindo |
| 04h30m | Dormindo |
| 05h00m | Dormindo |
| 05h30m | Preparando o café |
| 06h00m | Varrendo o quintal |
| 06h30m | Cuidando dos porcos |
| 07h00m | Cuidando das galinhas |
| 07h30m | Tirando leite |
| 08h00m | Continuo tirando leite |
| 08h30m | Trabalhando na roça |
| 09h00m | Continuo trabalhando na roça |
| 09h30m | Continuo trabalhando na roça |
| 10h00m | Continuo trabalhando na roça |
| 10h30m | Continuo trabalhando na roça |
| 11h00m | Voltando da roça para o almoço |
| 11h30m | Almoçando |
| 12h00m | Cuidando dos animais |
| 12h30m | Voltando a trabalhar na roça |
| 13h00m | Trabalhando na roça |
| 13h30m | Trabalhando na roça |
| 14h00m | Trabalhando na roça |
| 14h30m | Trabalhando na roça |
| 15h00m | Tomando café da tarde |
| 15h30m | Voltando a trabalhar na roça |
| 16h00m | Continuo trabalhando na roça |
| 16h30m | Cuidando do gado |
| 17h00m | Cuidando dos porcos |
| 17h30m | Preparando o jantar |
| 18h00m | Jantando |
| 18h30m | Arrumando cozinha |
| 19h00m | Assistindo televisão |
| 19h30m | Continuo assistindo TV |
| 20h00m | Vou dormir |
| 20h30m | Dormindo |
| 21h00m | Dormindo |
| 21h30m | Dormindo |
| 22h00m | Dormindo |
| 22h30m | Dormindo |
| 23h00m | Dormindo |
| 23h30m | Dormindo |

Refletindo junto

Após o recebimento e leitura das agendas preenchidas pelas mulheres decidimos promover uma atividade de retorno para elas e para a comunidade de um modo geral. A atividade ocorreu na tarde do dia 13 de setembro de 2019, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cristália. Contou com a participação de onze mulheres da comunidade. Dentre elas, sete que haviam preenchido as agendas.

Foi realizada uma dinâmica que se iniciava com a distribuição de quatro balões para cada participante, que deveria enchê-los. Na sequência, cada participante deveria estourar um balão quando respondesse “sim” para cada uma das quatro perguntas seguintes:

- Em sua casa todo mundo trabalha fora. Na volta, todos estão igualmente cansados, mas as tarefas domésticas é você quem faz?
- Já te disseram que seu lugar é em casa cuidando do lar?
- Existem pessoas que não consideram as atividades domésticas que você realiza como trabalho de verdade?
- Já menosprezaram seu cansaço porque acharam que serviço de casa é moleza?





Dinâmica com os balões

A maioria absoluta dos balões foi estourada. Isso deixou claro que as mulheres presentes eram as responsáveis pelas tarefas domésticas, além de exercerem o trabalho fora do lar, na lavoura e em outros ambientes.

Em seguida houve um momento de reflexão acerca do sentido das perguntas apresentadas e das suas respostas. A única pergunta em que as mulheres não estouraram os balões foi aquela sobre já terem ouvido que “seu lugar é em casa cuidando do lar”. Relataram que ninguém havia lhes dito diretamente essa frase, principalmente devido ao fato de também serem necessárias na lida com a roça.

Refletiu-se que as mulheres terem seu trabalho inferiorizado, tanto por homens quanto pelas próprias mulheres, também se deve ao fato de que as atividades domésticas não são remuneradas. Refletiu-se também que a mulher é considerada pela sociedade como um “sexo frágil” incapaz de desenvolver atividades que não sejam domésticas. Contudo, foi lembrado que uma característica das mulheres da comunidade que se opõe a essa visão conservadora é a participação ativa na agricultura familiar, ou seja, pegando a foice e a enxada e indo para a roça trabalhar. Destacou-se que, mesmo após um trabalho braçal, na lavoura ou em outro local, é “obrigação” da mulher chegar em casa e realizar tarefas domésticas. *“Se a gente não fizer ninguém faz”*. Uma das mulheres presentes assim se expressou ao tentar explicar o porquê de as tarefas de sua casa serem na maioria das vezes desempenhadas por ela. As mulheres puderam, portanto, debater sobre a sobrecarga que possuem ao realizar uma tripla jornada de trabalho (fora de casa, na lavoura e em casa) e sobre a necessidade de desconstruir a ideia de que existe “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”.



Momento de diálogo e reflexão

Para aprofundar as reflexões, a atividade teve continuidade com uma roda de conversa centrada na socialização das experiências vividas nos trabalhos

desenvolvidos por elas no decorrer de suas vidas. Foram utilizadas perguntas geradoras a fim de estimular e enriquecer a discussão

O primeiro questionamento foi quanto ao primeiro trabalho realizado na vida. De maneira interessante, nesse momento houve ambiguidade quanto ao conceito de trabalho. Algumas consideraram trabalho como serviço remunerado e outras consideraram trabalho como atividade que requer esforço físico e que não necessariamente é remunerado. A maioria das mulheres relatou que o primeiro trabalho foi ajudar os pais na lavoura, ou seja, lidando com a terra, ainda com poucos anos de idade.

O questionamento seguinte foi quanto à migração das mulheres para exercer trabalho fora da comunidade. A maioria das presentes relatou que teve a necessidade de sair de seu território em busca de melhores condições de vida, muitas quando ainda eram menores de idade. Os destinos foram as grandes cidades, tais como São Paulo, Montes Claros, Goiás e Belo Horizonte. Nesses locais todas trabalhavam como empregadas domésticas.

Depois se conversou sobre os desafios enfrentados por elas nestes trabalhos exercidos fora da comunidade. Diversos foram os desafios descritos, dentre eles trabalhar com fome, sofrer racismo, preconceito e discriminação. Uma das mulheres disse: *“muitas vezes a gente não era considerada humana”*. Um dos relatos mais marcantes apresentados foi sobre o abuso dos patrões, que humilhavam e menosprezavam a funcionária que, além de ser mulher, era negra. *“Sofri até pontapé na canela e por causa disso tive que voltar para minha cidade fugida”*. Além dos maus-tratos recebidos por conta da cor da pele, as mulheres também relataram que sofriam por ter dificuldade em realizar algumas tarefas domésticas tais como, por exemplo, lavar o piso, uma vez que moravam em casas de pau a pique com pisos de terra que não exigiam os mesmos cuidados.

Outro desafio que causou sofrimento e aperto no peito para essas mulheres que tiveram que migrar em busca de emprego foi a saudade dos familiares e amigos que ficaram na comunidade. Segundo elas, a comunicação era muito difícil

naquela época. “*Antes não era como hoje que todo mundo tem um celular*”, disse uma delas. A comunicação era por cartas que demoravam muito tempo para chegar aos seus destinos, mas que quando chegavam eram motivo de muita alegria.

A presença do homem

Vale mencionar aqui que durante a roda de conversa o marido de umas das mulheres presentes apareceu e participou da atividade por alguns minutos. Sua chegada antecedeu o diálogo sobre a saída das mulheres de suas comunidades para trabalhar. Após ouvir os relatos das mulheres sobre o trabalho doméstico que desenvolveram nas grandes cidades, o homem disse-lhes para “*pensarem melhor no que estavam falando porque essas informações poderiam prejudicar o processo de aposentadoria*”.

Após sua fala a discussão foi redirecionada às dificuldades enfrentadas pelo sujeito do campo para adquirir o benefício da aposentadoria. Depois de alguns minutos de discussão acalorada, fez-se necessário explicar os objetivos do Projeto e desta ação específica sobre o trabalho das mulheres. Estava evidente que havia surgido um receio – tanto para o homem como para as mulheres – de que os relatos das histórias de trabalho poderiam servir ao propósito de dificultar a conquista do benefício previdenciário.

Após esta abordagem do homem houve uma inibição por parte das mulheres em prosseguir com a discussão. Essa situação mostra que a presença do homem ainda dificulta o desabafo das mulheres. Além disso, o fato de a aposentadoria aparecer na conversa, envolta em receios e incertezas, evidencia que o sujeito do campo é muito dependente das políticas públicas.

A roda de conversa foi um momento de troca de experiências e de reflexão quanto ao espaço que a mulher ocupa na sociedade e quanto aos desafios enfrentados e superados por elas na busca pela valorização de seu trabalho e pelo reconhecimento de que este é tão digno quanto o de qualquer homem. A troca de experiências contribuiu também para estimular as mulheres a reconhecerem suas atividades domésticas como trabalho.

Homenagem às mulheres

Para finalizar a atividade foi feita uma pequena homenagem às mulheres presentes a partir da leitura de mensagens escritas por seus familiares. Essas mensagens buscavam prestigiá-las e relatar a importância delas e de seus trabalhos para a família. Esse momento foi, além de especial, muito emocionante, pois todas se sentiram amadas e importantes para suas famílias.

Durante a leitura das mensagens, entre o secar das lágrimas, as mulheres fizeram alguns comentários como, por exemplo: *“a gente acha que eles não se importam porque não falam, mas vendo as mensagens a gente vê que eles reconhecem tudo o que a gente faz”*. Nesse sentido, o momento de homenagem permitiu que as mulheres percebessem que seus familiares, mesmo não expressando isso frequentemente, reconhecem seus esforços e dedicação.

Foi notório nas mensagens que o reconhecimento se dá também pelo fato de que as mulheres sempre colocam as necessidades da família antes das suas próprias. Ou seja, mesmo podendo estar doente ou, como acontece na maioria das vezes, estando cansada, a mulher ainda se dedica a cuidar daqueles que mais ama.

A seguir são reproduzidas as mensagens entregues às mulheres que participaram da atividade:

Para Maria do Rosário

“Minha mãe? É uma mulher extraordinária, batalhadora, forte, linda, dedicada e amorosa. Sempre com um lindo sorriso no rosto. Eu jamais conseguiria descrever tudo o que eu sinto, toda a minha gratidão por todas as noites em claro, todos os conselhos, todo o amor, carinho e atenção dedicados a mim e a toda a família. Tenho orgulho de ser filha dessa mulher maravilhosa e guerreira que sempre está ao meu lado: minha inspiração, minha base, sempre lutando. Nunca abaixa a cabeça diante das dificuldades. Agradeço a Deus por ter me presenteado com uma mãe tão maravilhosa, não conseguiria viver sem ela. Amo muito, muito, muito minha rainha.”

De sua filha, Eliana.

Para Maria Elza

“Mamãe, você não é apenas a melhor mãe do mundo que Deus fez. Mas também a mulher mais batalhadora, a mais guerreira e querida. Sinto em mim um imenso orgulho por ter você como mãe. Pois mesmo com o cansaço, exausta e até mesmo na enfermidade tem permanecido a mesma, sem pedir nada em troca. Você é a melhor. Satisfação por tudo isso.”

Do seu filho, Dimas.

Para Noêmia

“Sobre minha mãe ela é a melhor pessoa desse mundo, sempre ajudando o próximo, sempre faz o bem sem olhar a quem, é muito trabalhadora, é de uma garra e força admirável, ela é essa pessoa iluminada, um grande exemplo de mãe, de amiga e principalmente de mulher. Minha mãe é uma grande guerreira, poderia escrever um grande texto sobre ela, mas nunca conseguirei dizer o mínimo do que ela merece ouvir. Nada do que eu possa fazer irá compensar tudo o que ela já fez por mim, minha grande amiga, ah você minha mãe, só gratidão, te amo muito! Amor da minha vida, sempre farei tudo por você. Te amo Mainha! ”

Da sua filha, Daiele.

Para Tereza

“Hoje me considero uma pessoa responsável, pronto para encarar os desafios que a vida me trouxe, tanto material quanto espiritual. Devo isso a mim? Não. Devo isso a uma mulher guerreira, batalhadora que dedicou parte da sua vida para oferecer para os seus filhos um ambiente harmonioso e limpo, minha mãe. Se eu pudesse resumir todo esse esforço e dedicação em uma única palavra, não seria outra senão gratidão. Sim, gratidão por tudo, pelo alimento preparado, pelo trabalho brilhante que a senhora fez por nós, trabalho este que nos ensinou a ser pessoas independentes. Não sei descrever em palavras o quanto sou grato por tudo que a senhora tem feito e faz por nós, por isso peço a Deus todos os dias para cuidar e recompensar cada minuto que a senhora sacrificou pelas nossas vidas. Te amo!”

Do seu filho, Elias.

Para Valdinéia

“Quando vim ao mundo, eu não sabia o que seria de mim, mas quando reconheci você sabia que o meu futuro estaria garantido. Obrigado por olhar por mim, me amar e me orientar em cada segundo da minha vida. Obrigada por ser minha mãe. Evolui tanto nesses anos ao seu lado e sou eternamente grato por isso. Aprendi a ser alguém melhor pelo simples fato de te observar viver. Você é uma mãe exemplar, que me enche de amor e de orgulho dia após dia. Obrigado por tudo mãe.”

Do seu filho, Guilherme.

Para Diene

“Sobre minha irmã: ela é uma grande irmã e amiga, se desloca toda a semana para trabalhar e sustentar a casa. Admiro a força de vontade de se renovar sempre. Amo muito você minha irmã preferida.”

Da sua irmã, Daiele.

Para Leidimar

“Em poucas palavras gostaria de dizer o quanto admiro você, pelo seu caráter, determinação, humildade, carinho e amor. Você é uma pessoa incrível que contagia todos ao seu redor pelo simples fato de existir. Sou imensamente grato a Deus por ser seu esposo e poder ter ao meu lado uma companheira maravilhosa feito você. Te amo muito amor. Obrigado por tudo que tem feito por mim, por nós.”

Do seu esposo, Carlos.

Para Darci

“Darci, o que falar dessa mulher forte, guerreira e batalhadora que todos os dias, mesmo exausta dos afazeres da casa, ainda tira um tempinho para cuidar dos filhos e do marido, que ouve nossas reclamações e apesar disso está sempre se fazendo presente na vida de cada um de nós... Mãe, você é exemplo de perseverança e amor... Se hoje estou aqui, a frente desse projeto e na metade da faculdade, devo a você, aos seus conselhos e ao seu incentivo. Obrigada por tudo, obrigada por ser esse exemplo. Te amo!”

Da sua filha, Anne Karine.

Para Valdete

“Valdete... Essa mulher para mim é mais que uma mãe, ela é mãe e pai ao mesmo tempo, eu sinto um orgulho dela, sinto orgulho de ser filha dessa mulher maravilhosa, ela nunca deixou faltar nada em casa, eu tenho orgulho de falar que minha mãe é trabalhadora rural. Minha mãe levanta cedo, cuida da casa, trata dos seus deveres e vai para a roça trabalhar, chega, almoça e volta a sua rotina todos os dias, ela é uma mulher que nunca precisou de ninguém para resolver nada para ela, minha mãe teve oito filhos e nunca me deixou faltar nada, ela sempre batalhou para dar o melhor para nós, minha mãe sempre foi e será orgulho para mim. Obrigada minha rainha, minha mãe!”

Da sua filha, Amanda.

Desdobramentos

Ao término da atividade muitas mulheres disseram que teriam adorado o evento, destacando que gostariam de participar de outros semelhantes, pois *“tudo serviu de aprendizado”*. Foi gratificante perceber que uma ação tão simples teve impacto tão relevante para essas mulheres que, apesar da invisibilidade e desvalorização de seus trabalhos, buscam mudar esse cenário e sonham com uma sociedade mais justa e igualitária onde seja totalmente desconstruído o estereótipo de que o homem deve ser o único a sustentar e a conduzir a família. Sentimo-nos felizes por poder dar voz a essas grandes mulheres. Esperamos que elas se inspirem a relatar histórias como as suas mais e mais vezes, para que situações de preconceito e discriminação não aconteçam com outras.



Participantes da atividade após seu encerramento

Lá no pé daquele morro
Tem dois sacos de cimento
Quando um trisca no outro
É sinal de casamento.

Povo diz que bala mata
Bala não mata ninguém
A bala que me matou
Foi o desprezo do meu bem.

Subi o rio acima
Ramo verde me puxou
Não me puxe ramo verde
Meu amor já me puxou.

O coqueiro de tão alto
Joga coco na cidade
Meu benzinho tá tão longe
Tô morrendo de saudade.

Banana caturra
De pirraça não cresceu
Eu também sou pirracento
Só pirraço o que é meu.

Dizem que beijo na boca
É um pecado horroroso
Como Deus deixou no mundo
Um pecado tão gostoso.

Quando eu saí de casa
Minha mãe me disse assim
Filho quando ocê voltar
Traz uma nora pra mim.

Lá no fundo do meu quintal
Tem um tacho de melado
Quem não sabe jogar verso
É melhor ficar calado.

O cafezeiro está maduro
Tá faltando um apanhador
Eu tô bem desconfiado
Que seus versos já acabou.

Você diz que me quer bem
Que mentira danada
Quem quer bem, dá a gente as
coisas
Você nunca me deu nada.

Mandiocal está maduro
Bom de comer farinha
Eu não vou na sua casa
Pra você não ir na minha.

Amanhã eu vou me embora
Mas não vou embora não
Se tivesse de ir embora
Eu aqui não estava não.

Quebra quebra gabiroba
Quero ver você quebrar
Quebra bem devagarinho
Para não me machucar.

Meu anel é trinca trinca
Trinca trinca também sou
Eu também sou trinca trinca
Nos braços do meu amor.

A folha da bananeira
Pinta aqui pinta acolá
Pinta a casa do meu sogro
Amanhã eu passo lá.

Subi no pé de lima
Chupeí lima sem querer
Dei um beijo na fruta lima
Pensando que era você.

Subi naquela serra
Com sapato de algodão
Meu sapato pegou fogo
Eu descí com o pé no chão.

Versos cantados antigamente
na comunidade.

Flávio Berutti, Andrezza
Lisboa e Igor Santos

*Comunidades Quilombolas:
espaços de resistência*

Ser quilombola vai muito além de, simplesmente, ter pele negra e viver em uma comunidade nascida da resistência ao sistema escravista ou resultante da falta de oportunidade em uma sociedade excludente.

Ser quilombola é pertencer a uma comunidade e assumir suas origens, orgulhando-se de sua cultura, identificando-se com ela e lutando para preservá-la.

**Comunidades do Campo:
conhecendo seus sujeitos, saberes e realidades**

Registro nº 341155.1908.323003.01102019

www.comunidadesdocampo.com.br

diogo.pereira@ufvjm.edu.br
annekarine478@gmail.com
nayarapereiragomes1@gmail.com

